

A
Odisséia
de Penélope

O mito de Penélope e Odisseu

MARGARET

ATWOOD



COMPANHIA DAS LETRAS

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.



A
Odisséia
de Penélope

O mito de Penélope e Odisseu

MARGARET
ATWOOD



Tradução
Celso Nogueira

COMPANHIA DAS LETRAS

Para a minha família

Industrioso Odisseu, grande era o mérito da que tomaste por esposa. Nobres os sentimentos da irrepreensível Penélope, filha de Icário, que soube manter-se sempre fiel a seu esposo Odisseu! Por isso, jamais perecerá a fama de sua virtude, e os Imortais inspirarão aos homens belos cantos em louvor da prudente Penélope.

Odisséia, rapsódia XXIV

Tomou a corda de uma nau de escura proa, e retesou-a à altura da grande coluna em volta do pavilhão, de sorte que os pés não pudessem tocar no solo. Do mesmo modo que os tordos de larga envergadura ou as pombas tombam numa armadilha disposta sobre uma sarça — leito funesto — quando voltam para o ninho, assim as mulheres, alinhadas e com um nó corredio em volta do pescoço, sofriam horrorosa morte. Seus pés se agitaram uns instantes, e tudo acabou.

Odisséia, rapsódia XXII

Sumário

Introdução

1. Uma arte menor
2. Coro: Canção para pular corda
3. Minha infância
4. Coro: Choro de criança, um lamento
5. Asfódelo
6. Meu casamento
7. A cicatriz
8. Coro: Seu eu fosse princesa, uma canção popular
9. A galinha de confiança
10. Coro: O nascimento de Telêmaco, uma pastoral
11. Helena arruína minha vida
12. Espera
13. Coro: O capitão astuto, uma nau precária
14. Os pretendentes se empanturram
15. A mortalha
16. Sonhos ruins
17. Coro: Delícias, uma balada
18. Notícias de Helena
19. Grito de alegria
20. Calúnias perigosas
21. Coro: Os perigos de Penélope, um drama
22. Helena toma banho
23. Odisseu e Telêmaco matam as escravas

24. Coro: Uma aula de antropologia
25. Coração de pedra
26. Coro: O julgamento de Odisseu, gravado pelas escravas
27. A vida doméstica no Hades
28. Coro: Andamos atrás de você, uma canção de amor
29. Despedida

Fontes

Agradecimentos

Introdução

A história do retorno de Odisseu a seu reino em Ítaca, após vinte anos de ausência, tornou-se conhecida principalmente graças à *Odisséia*, de Homero. Odisseu teria passado metade desse período lutando na Guerra de Tróia e a outra metade perambulando pelo mar Egeu, tentando voltar para casa, enfrentando dificuldades, derrotando monstros ou fugindo deles, e dormindo com deusas. O caráter do “ardiloso Odisseu” tem sido muito comentado: ele ganhou fama de mentiroso persuasivo e mestre nos disfarces — um homem que vive graças a sua sagacidade, capaz de inventar estratégias e truques, e que às vezes é esperto demais para seu próprio bem. Ele recebe a ajuda divina de Palas Atena, deusa que o admira por sua inventividade.

Na *Odisséia*, Penélope — filha de Icário de Esparta e prima da bela Helena de Tróia — é descrita como a própria esposa perfeita e fiel, uma mulher consagrada por sua constância e por sua inteligência. Além de chorar e orar pelo retorno de Odisseu, ela engana astuciosamente os pretendentes que enxameiam em seu palácio, dilapidando o patrimônio de Odisseu na tentativa de forçá-la a desposar um deles. Penélope, além de iludi-los com falsas promessas, tece uma mortalha que desfaz de noite, adiando a decisão sobre o casamento para depois do término da peça.

Parte da *Odisséia* diz respeito aos problemas dela com o filho Telêmaco, que tenta se afirmar não só em relação aos perigosos e belicosos pretendentes, mas também contra a mãe. O livro termina com a matança

dos pretendentes por Odisseu e Telêmaco, o enforcamento das doze escravas que se deitaram com os pretendentes e a reunião de Odisseu e Penélope.

Mas a *Odisséia*, de Homero, não é a única versão da história. O material mítico era originalmente oral e também local — um mito é relatado de um jeito num lugar e de modo bem diferente em outro. Usei material diferente da *Odisséia*, principalmente para obter detalhes a respeito da família de Penélope, de sua vida de solteira e do casamento, além dos rumores escandalosos que circulavam a seu respeito.

Optei por entregar a narrativa a Penélope e às doze escravas enforcadas. As escravas formam o Coro, que canta e declama, concentrando-se nas duas questões que se destacam numa leitura atenta da *Odisséia*: o motivo do enforcamento das escravas e o real propósito de Penélope. A maneira como a história é contada na *Odisséia* não convence, há muitas incoerências. Sempre vivi assombrada pelas escravas enforcadas; em *A odisséia de Penélope*, ocorre o mesmo com Penélope.

Uma arte menor

Agora que morri, sei de tudo. Era isso que eu esperava que acontecesse, mas, como muitos dos meus desejos, deixou de se realizar. Sei apenas alguns fatos dispersos que antes ignorava. Desnecessário dizer, trata-se de um preço alto demais a pagar pela satisfação da curiosidade.

Já que estou morta — já que atingi o estado desossado, deslabiado, despeitado —, aprendi coisas que preferia desconhecer, como ocorre quando alguém escuta debaixo da janela ou abre cartas alheias. Você gostaria mesmo de ler a mente? Pense bem.

Aqui todos chegam com um saco igual aos usados para guardar os ventos, mas todos os sacos estão cheios de palavras — palavras que a pessoa disse, palavras que ouviu, palavras que foram ditas a seu respeito. Alguns sacos são muito pequenos; outros, grandes; o meu tem tamanho razoável, mas boa parte das palavras se refere a meu distinto marido. Ele me fez de tola, alguns dizem. Era sua especialidade: fazer os outros de tolos. Ele se safava de todas, outra de suas especialidades: safar-se.

Ele sempre foi muito convincente. Muita gente acreditava que sua versão dos acontecimentos era verdadeira, com, talvez mais, talvez menos, alguns assassinatos, algumas lindas mulheres seduzidas e vagos monstros de um olho só. Até eu acreditava nele, de vez em quando. Sabia que era ardiloso e mentia, mas não imaginava que fosse capaz de me enganar e de me contar mentiras. Não fui fiel? Não esperei, e esperei, e esperei, apesar da tentação — quase compulsão — de desistir? E o que me restou, quando a versão oficial

se consolidou? Ser uma lenda edificante. Um chicote para fustigar outras mulheres. Por que não podem todas ser tão circunspectas, confiáveis e sofredoras como eu? Era essa a abordagem que adotavam os cantores, os rapsodos. *Não sigam meu exemplo*, sinto vontade de gritar nos ouvidos de vocês — sim, nos de vocês! Mas, quando tento gritar, pareço uma coruja.

Claro, eu desconfiava da ligeireza dele, da esperteza, da astúcia, da — como dizer? — da sua falta de escrúpulos, mas fingia não ver nada. Ficava de boca fechada; ou, se a abrisse, só elogiava. Não refutava, não fazia perguntas inconvenientes, não me aprofundava. Queria finais felizes naquela época, e os finais felizes são alcançados quando mantemos certas portas trancadas e dormimos na hora da confusão.

Contudo, quando os principais eventos passaram e o caso se tornou menos legendário, me dei conta de quantas pessoas riam de mim pelas costas — elas zombavam, contavam anedotas a meu respeito, piadas sujas e limpas; me transformaram numa história, ou em várias histórias, embora não fossem do tipo que eu gostaria de ouvir sobre minha pessoa. O que uma mulher pode fazer quando mexericos escandalosos percorrem o mundo? Se ela se defende, soa culpada. Por isso esperei mais um pouco.

Agora que todos os outros perderam o fôlego, é a minha vez de fazer o relato. Devo isso a mim mesma. Tive de me esforçar para contar o caso: contar histórias é uma arte menor. Coisa para velhas, andarilhos, rapsodos cegos, criadas, crianças — gente com tempo a perder. Antigamente, as pessoas ririam se eu bancasse o menestrel — não há nada mais ridículo do que uma aristocrata que se mete a artista —, mas a esta altura não me importo mais com a opinião pública. A opinião de quem está aqui: das sombras, dos ecos. Portanto, vou tecer minha própria narrativa.

A dificuldade é não ter boca pela qual falar. Não consigo que me compreendam, não as pessoas do mundo de vocês, do mundo dos corpos, das línguas e dos dedos; na maior parte do tempo não tenho ouvintes, não do seu lado do rio. Entre vocês, quem consegue captar um murmúrio

perdido, um grito solto, facilmente confunde minhas palavras com o som da brisa nos juncos, morcegos ao crepúsculo, pesadelos.

Mas sempre fui determinada. Paciente, diziam. Gosto de ver o final da história.

2

Coro:

Canção para pular corda

*Somos as escravas
Que vocês mataram
Que vocês traíram*

*Dançamos leves
Pés descalços no ar
No injusto balançar*

*Com deusas, vadias, rainhas
Desde lá até aqui
Vocês não se continham*

*Fizemos muito menos
Do que vocês fizeram
Sem a menor piedade*

*Sua é a lança
Sua é a ordem
Basta querer*

*Limpamos o sangue
De nossos amantes
Do chão, das mesas*

*Das escadas e portas;
Ajoelhadas na água
Enquanto olhavam*

*Para nossos pés
Não era justo
Explorar o medo*

*Vocês se divertiram
Bastava erguer a mão
Para nos ver sofrer*

*Dançamos no ar
As escravas que vocês
Traíram e mataram.*

Minha infância

Por onde devo começar? Há duas escolhas apenas: pelo começo ou por outra parte. O início mesmo seria a criação do mundo, depois uma coisa levou a outra; mas, como existem diferenças de opinião quanto a isso, começarei pelo meu nascimento.

Meu pai era o rei Icário de Esparta. Minha mãe, uma náíade. Filhas de náíades havia aos montes, naquele tempo; o lugar estava infestado delas. Mesmo assim, a semidivindade por nascimento não causava mal nenhum. Ou melhor, não imediatamente.

Quando eu ainda era muito pequena meu pai ordenou que me atirassem ao mar. Eu nunca soube o motivo exato, enquanto vivi, mas hoje suspeito que um oráculo o avisou que eu teceria sua mortalha. Ele provavelmente pensou que, se me matasse primeiro, sua mortalha jamais seria feita e ele viveria para sempre. Sei como ele pensava. Nesse caso, sua disposição para me afogar vinha de um compreensível desejo de se proteger. Mas ele deve ter entendido errado, ou o oráculo entendeu errado — os deuses costumam murmurar —, pois não era a mortalha dele que eu teceria, e sim a de meu sogro. Se a profecia foi essa, estava correta, e realmente tecer essa mortalha específica revelou-se muito conveniente numa etapa posterior de minha vida.

Ensinar prendas domésticas às moças saiu de moda, sei disso, mas felizmente o costume ainda vigorava no meu tempo. É sempre vantajoso ter algo com que ocupar as mãos. Se alguém profere um comentário

inadequado, a gente pode fingir que não escutou. Isso nos desobriga de responder.

Por outro lado, talvez essa minha teoria do oráculo e da mortalha não tenha fundamento. Talvez eu a tenha inventado para me sentir melhor. Muita coisa é sussurrada nas cavernas escuras, nos prados, e por vezes é duro saber se os sussurros vêm dos outros ou de dentro de nossa própria cabeça. *Uso a palavra cabeça* em sentido figurado. Aqui nos livramos das cabeças.

Seja como for, jogaram-me no mar. Será que me lembro das ondas que me cobriram, do ar a fugir dos pulmões, do som dos sinos que as pessoas alegam ouvir quando se afogam? Nem um pouco. Mas ouvi a história: sempre aparece um servo, um escravo, uma ama velha ou outro intrometido disposto a discorrer sobre as coisas horríveis que os pais fizeram às crianças quando elas eram pequenas demais para lembrar. Ouvir esse relato desanimador não me ajudou a melhorar o relacionamento com meu pai. Atribuo a esse episódio — ou melhor, ao conhecimento dele — minha reserva, assim como a desconfiança em relação às intenções alheias.

De todo modo, foi estupidez de Icário tentar afogar a filha de uma náiade. A água é nosso elemento, nosso patrimônio hereditário. Embora não sejamos nadadoras exímias como nossas mães, flutuamos magnificamente e nos damos bem com peixes e aves aquáticas. Uma revoada de patos selvagens chegou para me socorrer e me conduziu à praia. Depois de um presságio desses, o que meu pai poderia fazer? Ele me levou de volta, me rebatizou — *pata* ficou sendo meu apelido. Sem dúvida ele se sentia culpado pelo que quase tinha feito: passou a demonstrar um carinho excessivo por mim.

Senti dificuldade para retribuir essa afeição. Dá para imaginar. Lá ia eu, passeando de mãos dadas com um pai supostamente amoroso por uma beira de abismo, margem de rio ou parapeito alto, e me vinha à mente que

ele poderia me jogar lá de cima de repente, ou esmagar minha cabeça com uma pedra. Manter o semblante calmo nessas circunstâncias era uma verdadeira façanha. Após essas excursões eu me trancava no quarto e me debulhava em lágrimas. (Choro excessivo, como todos devem saber, é típico das filhas de náiades. Dediquei pelo menos um quarto de minha vida terrena a chorar desbragadamente. Ainda bem que no meu tempo havia véus. Ajudavam muito a ocultar olhos vermelhos e inchados.)

Minha mãe, assim como todas as náiades, era linda e tinha um coração duro, além de cabelos cacheados e sardas. Seu riso era indefinível e ardiloso. Quando eu era pequena, costumava abraçá-la, mas ela logo escorregava. Gosto de pensar que ela foi a responsável pela convocação da revoada de patos, mas provavelmente não foi: preferia nadar no rio a cuidar da filha pequena, e freqüentemente se esquecia de minha existência. Se meu pai não tivesse me jogado no mar ela o faria, num acesso de raiva ou por descuido. Não conseguia fixar a atenção em nada, e suas emoções eram voláteis.

Pelo que narrei dá para ver que eu aprendi muito cedo as virtudes da auto-suficiência, se é que existem. Entendi que precisaria cuidar de mim sozinha, no mundo. Não poderia contar com o apoio de minha família.

Coro: Choro de criança, um lamento

Também éramos crianças. Também nascemos dos pais errados. De pais pobres, pais escravos, pais camponeses e pais servos; pais que nos venderam, pais de quem nos roubaram. Nossos pais não eram deuses, não eram semideuses, não eram ninfas nem nereidas. Fomos servir no palácio, desde pequenas; trabalhávamos duramente, dia e noite, desde pequenas. Quando chorávamos, ninguém enxugava nossas lágrimas. Se dormíssemos, nos acordavam a pontapés. Diziam que não tínhamos pai nem mãe. Diziam que éramos vadias. Diziam que éramos sujas. Nós éramos sujas. A sujeira era nossa preocupação, nossa responsabilidade, nossa especialidade, nossa culpa. Éramos as moças sujas. Se nossos donos, seus filhos, um nobre visitante ou os filhos dele quisessem deitar conosco, não poderíamos recusar. Não adiantava chorar, não adiantava dizer que doía. Isso tudo aconteceu conosco quando éramos crianças. Se fôssemos lindas crianças, a vida era pior ainda. Moíamos a farinha para casamentos espetaculares, depois comíamos os restos; jamais teríamos uma festa de casamento para nós, ninguém trocava presentes caros por nossa causa; nossos corpos pouco valiam. Mas queríamos cantar e dançar também, queríamos ser felizes também. Crescidas, nos tornávamos gentis e ambíguas, aprendíamos o esgar secreto. Mexíamos os quadris, espreitávamos, piscávamos, alertávamos com um erguer de sobrancelhas, desde pequenas; encontrávamos rapazes atrás

dos chiqueiros, tanto faz, rapazes nobres, rapazes pobres. Rolávamos na palha, na lama, no esterco, nas camas de plumas macias que arrumávamos para nossos senhores. Tomávamos os restos de vinho das taças. Cuspíamos nos pratos antes de servi-los. Entre o salão iluminado e a cozinha escura, enchíamos a boca de carne furtada. Ríamos juntas nos sótãos, de noite. Pegávamos o que fosse possível.

Asfódelo

Aqui é escuro, como muitos já ressaltaram. “Morte negra”, costumavam dizer. “Os sombrios salões do Hades”, e assim por diante. Bem, realmente é escuro, mas vejo vantagens — por exemplo, se a gente vê alguém com quem não quer falar, pode fingir que não reconheceu a pessoa.

Ademais, temos os campos de asfódelo. Podemos caminhar por eles, se for o caso. Ali é mais claro, e ocorrem danças desengonçadas, embora o nome da região não corresponda à sua realidade — *campos de asfódelo* tem algo de poético. Mas, pensando bem... Asfódelo, asfódelo, asfódelo — lindas florzinhas brancas, mas qualquer um se cansa delas depois de algum tempo. Teria sido melhor certa variedade — cores diversas, caminhos sinuosos, mirantes, bancos de pedra, fontes. Eu teria preferido jacintos, e seria pedir muito incluir algumas touceiras de açafraão? Embora nunca tenhamos primavera por aqui, nem outras estações. Dá para desconfiar de quem projetou este lugar.

Já mencionei o fato de que não há nada para comer aqui, exceto asfódelo? Mas não tenho do que reclamar.

As grutas escuras são mais interessantes — a conversa lá é melhor, se a gente consegue encontrar um meliante menor — batedor de carteira, corretor da Bolsa, cafetão ordinário. Como muitas moças de boa família, sempre senti uma atração secreta por homens dessa laia.

Contudo, não frequento muito os níveis mais profundos. Ali as punições são ministradas aos verdadeiros malfeitores que não receberam em vida o

devido castigo. Não suporto ouvir os gritos. A tortura é mental, porém, pois não possuímos mais corpos. O que os deuses mais gostam é de preparar banquetes — pratos enormes de carne, pilhas de pão, cachos de uva — e depois levar tudo embora. Obrigar as pessoas a rolar pedras pesadas morro acima é outra de suas punições favoritas. De vez em quando sinto um impulso de descer lá: pode me ajudar a lembrar como é sentir fome de verdade, fadiga de verdade.

De tempos em tempos a neblina se dissipa e podemos vislumbrar o mundo dos vivos. É como limpar o vidro sujo da janela para espiar pelo vão. Quando a barreira se dissolve, em raras oportunidades, podemos sair um pouco. Ficamos muito excitadas e guinchamos a valer.

Esses contatos podem ocorrer de várias maneiras. Antigamente, qualquer um que desejasse nos consultar cortava a garganta de uma ovelha, um porco ou uma vaca, deixava o sangue escorrer por uma vala cavada no chão. Sentíamos o cheiro e enxameávamos até o local como moscas em uma carcaça. Milhares de nós, revoando e pipilando, feito o conteúdo de uma cesta de papel apanhado num tornado, enquanto um herói qualquer nos mantinha afastadas com a espada em punho até surgir quem ele desejava consultar. Profecias vagas eram proferidas. Aprendemos a torná-las vagas. Por que contar tudo? Era preciso fazer com que retornassem com mais ovelhas, vacas, porcos etc.

Assim que as palavras em número adequado fossem proferidas para o herói, permitiam que bebêssemos na vala, e não posso elogiar os modos à mesa nessas ocasiões. Muitos empurrões e cotoveladas, barulho com a boca, sangue derramado; queixos vermelhos aos montes. Mesmo assim, era glorioso sentir o sangue circulando novamente por nossas veias inexistentes, por um instante que fosse.

Por vezes conseguíamos aparecer como sonhos, embora não fosse tão satisfatório. E havia aqueles presos na margem errada do rio, por não terem sido enterrados adequadamente. Eles perambulavam em situação

lamentável, infelizes por não estarem nem aqui nem lá, e podiam criar muitos problemas.

Após centenas de anos, milhares talvez — é difícil contar o tempo aqui, pois não temos nada que se pareça com ele —, os costumes mudaram. Os vivos não vinham muito ao mundo subterrâneo, e nosso refúgio foi suplantado por outro vizinho, muito mais espetacular — poços em chamas, gritos e dentes rangendo, vermes monstruosos, demônios com tridentes — e muitos efeitos especiais.

Mas os magos e feiticeiros nos conjuram esporadicamente — homens que fizeram pactos com os poderes infernais —, e à arraia-miúda, os médiuns, videntes, adivinhos e outros tipos similares. Tudo isso era humilhante — se materializar num círculo de giz ou numa sala revestida de veludo só porque alguém queria se espantar com sua presença —, mas nos ajudava a obter informações sobre o que ocorria no mundo dos ainda vivos. Eu me interessei muito pela invenção da lâmpada elétrica, por exemplo, e pelas teorias sobre a energia e a matéria do século XX. Mais recentemente, alguns de nós conseguiram se infiltrar no novo sistema de comunicação que envolve o planeta inteiro, e viajar por ele, vendo o mundo através das telas iluminadas que servem de altares domésticos. Talvez fosse assim que os deuses conseguiam surgir e sumir tão depressa, no meu tempo — eles deviam ter algo do gênero à disposição.

Os mágicos nunca me invocaram. E eu era famosa, sim — perguntem a qualquer um —, mas por motivos obscuros eles não queriam me ver, enquanto minha prima Helena era muito requisitada. Não acho justo — não ganhei fama por atos escandalosos, principalmente de natureza sexual, e ela só se destacou pela infâmia. Claro, era linda de morrer. Dizem que saiu de um ovo, pois era filha de Zeus, que assumiu a forma de cisne para seduzir a mãe dela. Helena era muito convencida por causa disso. Mas quantos realmente acreditavam nessa história maluca de cisne? Muitas histórias do tipo circulavam na época — os deuses pelo jeito não conseguiam manter

mãos, patas ou bicos longe das mulheres mortais, estavam sempre violentando uma ou outra.

Seja lá como for, os magos insistiam em ver Helena, e ela adorava corresponder. Servia como uma volta aos velhos tempos, ter um monte de homens deslumbrados por sua causa. Ela gostava de aparecer vestida de troiana, espalhafatosa demais para o meu gosto, mas *chacun à son goût*. Gostava de girar lentamente, abaixar a cabeça e olhar direto no rosto de quem a chamara, brindando a pessoa com um dos sorrisos sedutores que eram sua marca registrada, e pronto, virava o centro das atenções. Ou assumia o modo como se apresentou ao marido Menelau quando Tróia queimava e ele estava a ponto de enfiar a vingativa espada em seu corpo. Ela só precisou desnudar um seio perfeito e ele caiu de joelhos, babando, implorando para levá-la de volta.

Quanto a mim... as pessoas diziam que eu era linda, e tinham de me dizer isso porque eu era princesa e logo seria rainha, mas a verdade é que, embora eu não fosse deformada nem medonha, não chegava a ser uma visão estonteante. Inteligente, porém; considerando a época, muito inteligente. Parece que me tornei conhecida pela inteligência. E por mortalhas, devoção ao marido e discrição.

Se alguém fosse um mago, lidasse com as artes sombrias e arriscasse a alma, ia querer invocar uma esposa comum, inteligente, boa para tecer, que nunca cometeu uma traição, em vez de uma mulher que levou centenas de homens à loucura de tanto desejo e provocou o incêndio e a destruição de uma grande cidade?

Nem eu.

Helena jamais foi punida, por nada. Por quê, eu gostaria muito de saber. Outras pessoas foram estranguladas por serpentes marinhas, afogaram-se em tormentas, viraram aranhas ou foram trespassadas por flechas por crimes muito menores. Comer as vacas erradas. Gabar-se. Coisas do gênero.

A gente imaginaria que Helena levaria pelo menos uma boa surra no final, depois de causar tantos males e sofrimentos a milhares de pessoas. Mas não levou.

Não que eu me importe.

Não que eu me importasse.

Tenho outras coisas na vida para ocupar minha atenção.

O que leva ao tema do meu casamento.

Meu casamento

Meu casamento foi arranjado. Faziam as coisas assim, naquela época: para haver casamento, era preciso arranjar tudo. E não me refiro ao vestido de noiva, flores, banquetes e música, embora tivéssemos tudo isso. Até hoje usam tudo isso. Mas os arranjos aos quais me refiro eram mais tortuosos.

Pela antiga lei só pessoas importantes casavam, pois apenas as pessoas importantes tinham herança. No mais, ocorriam coitos de vários tipos — sedução ou violação, casos amorosos ou encontros de uma noite com deuses que se diziam pastores ou pastores que se apresentavam como deuses. Ocasionalmente, as deusas também se envolviam na confusão, passeando em corpos percíveis como uma rainha a brincar no meio das ordenhadoras, mas a recompensa para o homem era uma vida mais curta e, freqüentemente, a morte violenta. A imortalidade e a mortalidade não se misturavam muito bem, era fogo e lama, só que o fogo sempre vencia.

Os deuses nunca desprezavam a chance de arranjar encrenca. Na verdade, adoravam. A visão dos olhos de um ou uma mortal a fritar nas órbitas graças a uma overdose de sexo com os deuses provocava gargalhadas terríveis. Havia certa maldade infantil nos deuses. Posso dizer isso porque não possuo mais um corpo, superei esse tipo de sofrimento, e além disso os deuses não estão escutando. Pelo que sei, foram todos dormir. No mundo de hoje as pessoas não recebem mais visitas dos deuses como antigamente, a não ser que tomem drogas.

Onde eu estava? Ah, sei, no casamento. Os casamentos existem para gerar filhos, e crianças não são brinquedos nem mascotes. Os filhos são veículos para a transmissão dos bens. Esses bens podem ser reinos, presentes de casamento luxuosos, histórias, ressentimentos, rixas familiares. Através das crianças as alianças eram realizadas; graças aos filhos, as vinganças ocorriam. Ter um filho era lançar no mundo uma força desconhecida.

Se alguém tivesse um inimigo, o melhor seria matar os filhos dele, mesmo que fossem bebês. Se não tivesse estômago para chaciná-los, era possível raptá-los e despachá-los para bem longe ou vendê-los como escravos. No entanto, enquanto estivessem vivos representariam um perigo.

Se tivesse filhas em vez de filhos, era preciso fazer com que parissem o mais depressa possível, para lhe dar netos. Quanto mais gente para manejar uma espada e atirar lanças você tivesse à disposição na família, melhor, pois os homens capazes de combater viviam procurando pretextos para atacar um rei ou nobre qualquer e carregar tudo que pudessem, pessoas inclusive. Fraqueza de um senhor significava oportunidade para outro, portanto todo rei ou nobre precisava de toda a ajuda que pudesse obter.

Então, nem preciso dizer que um casamento seria arranjado para mim, quando chegasse a hora.

Na corte do rei Icário, meu pai, ainda conservavam o antigo costume de promover torneios para saber quem deveria desposar uma moça nobre que estivesse — por assim dizer — no mercado. O vencedor do torneio ganhava a mulher e a festa de casamento, depois deveria morar no palácio do pai da noiva e contribuir com sua parcela de rebentos masculinos. Ele obtinha riquezas por meio do casamento — taças de ouro, tigelas de prata, cavalos, mantos, armas, todo o lixo que tanto valorizavam quando eu ainda vivia. A família dele precisava fornecer um monte de coisas também.

Digo *lixo* porque sei onde ia parar a maioria das coisas. Apodrecia no palácio, ia para o fundo do mar, quebrava ou era derretida. Algumas peças

acabavam em palácios enormes que — curiosamente — não eram habitados por reis e rainhas. Cortejos intermináveis de pessoas malvestidas se enfileiravam nesses palácios para ver as taças de ouro e tigelas de prata que nem sequer eram usadas. Depois iam a uma espécie de mercado, dentro do palácio, para comprar imagens dessas coisas, ou versões em miniatura que não eram de ouro e prata. Por isso chamo tudo de *lixo*.

De acordo com o costume antigo, a imensa pilha de presentes de casamento reluzentes ficava com a família da noiva, no palácio da família da noiva. Talvez por isso meu pai tenha se apegado tanto a mim depois da fracassada tentativa de afogamento no mar: onde eu estivesse haveria um tesouro.

(Por que ele me jogou no mar? A pergunta ainda me assombra. Embora a versão da mortalha não seja convincente, nunca consegui descobrir a resposta certa, nem mesmo aqui. Sempre que vejo meu pai ao longe, nos campos de asfódelo, e tento alcançá-lo, ele foge correndo, como se não quisesse me encontrar.)

Penso às vezes que eu talvez tenha sido uma oferenda ao deus do mar, cujo gosto pela vida humana era famoso. Mas os patos me salvaram, sem interferência de meu pai. Suponho que ele possa argumentar que cumpriu sua parte no trato, se é que houve trato, e que não havia trapaceado. Se o deus do mar não conseguiu me afogar e devorar, azar dele.

Quanto mais penso nessa versão dos eventos, mais ela me agrada. Faz sentido.)

Imaginem como eu era na época, uma moça inteligente, mas não espetacularmente bela, na idade de casar, ou seja, uns quinze anos. Suponha que eu estivesse olhando pela janela de meu quarto — situado no segundo andar do palácio — para o pátio onde os pretendentes se reuniam: um monte de rapazes esperançosos que sonhavam competir por minha mão.

Eu não olhava pela janela diretamente, claro. Não fincava os cotovelos no parapeito da janela e espiava descaradamente, como uma serva indolente. Que nada, o véu e as cortinas me protegiam. Eu não poderia permitir que

todos aqueles homens escassamente vestidos vissem meu rosto sem véu. As mulheres do palácio me enfeitaram na medida do possível, os menestréis compuseram canções em meu louvor — “radiante como Afrodite” e outros elogios batidos — mas eu me sentia envergonhada, arrasada. Os jovens riam e brincavam; pareciam muito à vontade uns com os outros; nem erguiam a vista.

Sei que não estavam atrás de mim, de Penélope, a Pata. Queriam o que vinha junto comigo — o parentesco real, a pilha de lixo reluzente. Nenhum homem jamais sacrificaria a vida por amor a mim.

E nenhum homem jamais a sacrificou. Não que eu quisesse inspirar suicídios do gênero. Não era uma devoradora de homens, não era nenhuma sereia, não era como minha prima Helena, que adorava promover disputas só para se exibir. Assim que o sujeito estivesse a seus pés, rastejando, ela se afastava sem nem olhar para trás, dando sua risada indiferente, como se estivesse vendo o anão do palácio plantando uma ridícula bananeira.

Eu era uma moça gentil — mais do que Helena, ou pelo menos eu pensava assim. Sabia que precisava ter algo a oferecer, na ausência da beleza. Era inteligente, todos diziam — na verdade, diziam tanto que eu me sentia incomodada —, mas a inteligência é uma virtude que o homem aprecia na esposa desde que ela esteja longe dele. De perto, ele aceita a gentileza a qualquer hora do dia ou da noite, se não houver nada mais atraente à disposição.

O marido mais óbvio para mim seria um jovem, herdeiro de um rei de amplas posses — um dos príncipes filhos de Nestor, talvez. Seria uma boa aliança para o rei Icário. Por trás do véu eu estudava os rapazes reunidos lá no pátio, tentando identificar quem era quem e — uma atitude sem resultados práticos, pois não competia a mim escolher marido — qual deles eu preferia.

Havia algumas escravas comigo — nunca me deixavam sozinha, eu representava um risco até estar seguramente casada, pois um caçador de fortunas intrépido poderia tentar me seduzir ou me raptar e fugir comigo. As criadas eram minhas fontes de informação. Depósitos inesgotáveis de mexericos triviais: elas entravam e saíam livremente do palácio, podiam observar os homens por todos os ângulos, ouvir suas conversas, rir e farrear com eles o quanto quisessem: ninguém se importava com quem encontrasse o caminho para o vão de suas pernas.

“Quem é aquele de peito largo?” , indaguei.

“Aquele é Odisseu, coitado”, disse uma das moças. Ele não era considerado candidato sério a minha mão, pelas escravas. O palácio de seu pai situava-se em Ítaca, um rochedo onde só havia cabras. Suas roupas rústicas combinavam com os modos de príncipe interiorano, e ele já havia exposto diversas idéias complicadas que outros consideravam peculiares. Era astucioso, porém, diziam. Na verdade, ser esperto demais era sua desgraça. Os mais jovens zombavam dele: “Não jogue com Odisseu, filho de Hermes”, diziam. “É impossível ganhar.” Isso equivalia a afirmar que ele era trapaceiro e ladrão. Seu avô Autólico ficou conhecido por essas características, sua reputação era de nunca ter ganhado nada honestamente na vida.

“Gostaria de saber se ele é rápido na corrida”, comentei. Em certos reinos a disputa pela noiva se fazia por meio de luta livre, em outros, por corrida de bigas, mas no nosso era apenas uma corrida a pé.

“Não deve ser, com aquelas pernas curtas”, uma das escravas comentou, maldosa. Realmente, as pernas de Odisseu eram curtas em relação ao corpo. Não fazia diferença quando ele estava sentado, a gente nem notava, mas de pé ele parecia muito truncado.

“Não corre o suficiente para pegar *você*”, disse outra escrava. “Você não ia gostar de acordar de manhã numa cama com seu marido e um rebanho de vacas de Apolo.” Era uma alusão a Hermes, cujo primeiro ato questionável, no dia em que nasceu, foi um audacioso roubo de gado. “A não ser que um

deles seja um touro”, outra retrucou. “Ou um bode”, palpitou a terceira. “Um carneiro enorme e forte! Aposto que nossa patinha ia adorar! Em pouco tempo estaria balindo!” “Eu não teria nada contra”, disse outra escrava. “Melhor um carneiro do que os pintinhos que andam por aqui.” E todas riram, tapando a boca com as mãos, esbanjando jovialidade.

Eu estava mortificada. Não compreendia as brincadeiras mais pesadas, ainda não, portanto não sabia de que riam exatamente, embora percebesse que se divertiam à minha custa. Mas não tinha como impedi-las.

Naquele momento minha prima Helena passou, esvoaçante, como o cisne de longo pescoço que pretendia ser. Exagerava o rebolado no andar. Embora o casamento em questão fosse o meu, ela queria ser o foco das atenções. Estava linda como sempre, talvez ainda mais: era intoleravelmente bela. Vestia-se com perfeição: Menelau, seu marido, fazia questão disso, era podre de rico e podia se dar ao luxo. Ela voltou o rosto na minha direção e me fitou caprichosa, como se flertasse. Desconfio que ela flertava com o cachorro, com o espelho, com o pente, com o pé da cama. Precisava se exercitar.

“Creio que Odisseu daria um marido perfeito para nossa patinha”, ela disse. “Ela gosta de uma vida calma, e sem dúvida a terá se ele a levar para Ítaca, como anda apregoando. Pode ajudá-lo a cuidar das cabras. Ela e Odisseu fazem um par perfeito. Os dois têm pernas curtas.” Seu tom era leve, mas o que dizia com leveza costumava ser cruel. Por que as pessoas realmente belas acham que todos no mundo existem apenas para diverti-las?

As escravas riram baixinho. Eu não achava que minhas pernas eram assim tão curtas, e certamente não imaginara que Helena houvesse reparado nisso. Mas quase nada lhe escapava quando se tratava de inventariar os dotes e os defeitos físicos alheios. Foi assim que ela arranhou a encrenca com Páris, mais tarde — ele era muito mais formoso que Menelau, pesado e ruivo. O

melhor que conseguiam citar de Menelau, quando faziam poemas a seu respeito, era sua voz excepcionalmente alta.

As escravas todas olharam para mim para ver o que eu ia dizer. Mas Helena tinha o dom de deixar as pessoas sem palavras, e eu não constituía exceção.

“Fique tranqüila, priminha”, ela disse, tocando meu braço. “Dizem que ele é muito inteligente. Você também. Conseguirá entender o que ele fala. Eu jamais seria capaz! Foi uma sorte para nós dois não ter sido eu quem ele conquistou!”

Ela me brindou com o sorriso condescendente de quem desprezou uma lingüiça de aparência suspeita, por fastio. Odisseu fora um dos pretendentes a sua mão, e como todos os outros homens na face da Terra quisera desesperadamente conquistá-la. Agora disputava o que seria, no máximo, o prêmio de consolação.

Helena afastou-se após a alfinetada. As escravas passaram a discutir o colar esplêndido, os brincos cintilantes, o nariz perfeito, o penteado elegante, os olhos luminosos, o bom gosto do bordado de seu magnífico manto. Era como se eu não estivesse lá. E era o dia do meu casamento.

Foi demais para meus nervos. Comecei a chorar, como faria com tanta freqüência no futuro, e me levaram para descansar um pouco em minha cama.

Assim, perdi a corrida propriamente dita. Odisseu ganhou. Trapaceando, eu soube mais tarde. Contou com a ajuda do irmão de meu tio Tíndaro, irmão de meu pai e pai de Helena — embora, como já contei, alguns aleguem ser Zeus o verdadeiro pai dela. Ele misturou ao vinho dos demais pretendentes uma droga que os retardou, embora não tanto que o notassem; a Odisseu ele forneceu uma poção cujo efeito era oposto. Notei que esse tipo de ardil tornou-se tradição, sendo praticado até hoje no mundo dos vivos, quando ocorrem competições atléticas.

Por que tio Tíndaro ajudou meu futuro marido na trapaça? Eles não eram nem amigos nem aliados. O que Tíndaro teria a ganhar? Meu tio não ajudaria ninguém — creiam — apenas por causa da bondade de seu coração, artigo no caso muito em falta.

Uma versão alega que foi pagamento pelos serviços prestados por Odisseu a Tíndaro. Quando todos disputavam Helena e a situação tornava-se cada vez mais explosiva, Odisseu fez todos os pretendentes jurarem que o vencedor seria defendido pelo grupo, caso algum homem tentasse tirá-la de seu marido. Assim ele acalmou os ânimos e conseguiu que o casamento com Menelau se realizasse em paz. Ele devia saber que não tinha nenhuma chance. Foi então — dizem os rumores — que ele fez o acordo com Tíndaro: em troca de obter um casamento pacífico e muito lucrativo para a radiante Helena, Odisseu receberia a singela Penélope.

Mas eu tenho outra teoria, que é a seguinte. Tíndaro e meu pai, Icário, eram ambos reis de Esparta. Deveriam reinar alternadamente, o primeiro durante um ano, depois o seguinte, e assim por diante. Mas Tíndaro queria o reino só para si, e mais tarde conseguiu. Faz sentido alegar que ele sondou os diversos pretendentes para saber seus planos, e descobriu que Odisseu defendia a novidade de levar a esposa para morar com a família do marido, em vez de seguir a tradição. Para Tíndaro seria ótimo se eu fosse para bem longe, eu e os filhos que poderia gerar. Assim haveria menos gente para socorrer Icário em caso de conflito aberto.

Seja lá por que razão fosse, Odisseu trapaceou e ganhou a corrida. Vi Helena a sorrir maliciosamente durante os ritos matrimoniais. Ela pensava que eu havia sido entregue a um idiota grosseiro que me arrastaria para um fim de mundo pavoroso, e não desgostou da idéia. Ela provavelmente sabia de antemão que haveria fraude.

Quanto a mim, senti dificuldade para enfrentar a cerimônia inteira — os sacrifícios de animais, as oferendas aos deuses, as purificações lustrais, as libações, as orações, as canções intermináveis. Senti tonturas. Mantive os olhos baixos, só conseguia ver de Odisseu a parte inferior do corpo. *Pernas*

curtas, eu pensava, mesmo nos momentos mais solenes. Não era um pensamento apropriado — trivial, tolo, dava vontade de rir —, mas, em minha defesa, devo ressaltar que eu tinha apenas quinze anos.

A cicatriz

Fui assim entregue a Odisseu, como um naco de carne. Uma peça de carne embrulhada em ouro, com certeza. Uma espécie de pudim de sangue dourado.

Talvez a comparação pareça muito crua. Vale lembrar que a carne era muito valorizada entre nós — a aristocracia devorava carne aos montes, carne e mais carne, e sempre na brasa: a nossa era não privilegiava a *haute cuisine*. Ah, esqueci: também havia pão chato, pão, pão, pão, vinho, vinho, vinho. De vez em quando, uma fruta ou verdura, mas provavelmente ninguém ouviu falar neles, pois raramente apareciam nas canções.

Os deuses queriam carne tanto quanto nós, mas só lhes dávamos os ossos e a banha, graças a um ardil rudimentar de Prometeu: só um idiota seria logrado com um saco de partes ruins de boi disfarçadas de partes boas, e Zeus foi enganado; isso mostra que os deuses nem sempre possuíam a inteligência que alardeavam para nós.

Posso dizer isso agora porque estou morta. Antes, não teria coragem. A gente nunca sabia se um deus nos escutava, disfarçado de mendigo, velho amigo ou estranho. Por vezes eu duvidava da existência desses deuses. Mas, durante a vida terrena, preferi por prudência não correr riscos.

Serviram muito de tudo em meu banquete de casamento — peças imensas e brilhantes de carne, grandes pães perfumados, vinho adocicado

em jarros enormes. Não sei como os convidados não explodiam de tanto comer. Nada incentiva mais a voracidade do que comida que a gente não precisa pagar, descobri pessoalmente, mais tarde.

Naquele tempo comíamos com a mão. Mordíamos e mastigávamos com estardalhaço, mas era melhor assim — nada de utensílios afiados que pudessem ser agarrados e enfiados num convidado inconveniente. Em qualquer casamento precedido de disputa poderia haver perdedores inconformados, mas nenhum pretendente malsucedido perdeu a calma no meu casamento. Comportavam-se como se tivessem deixado de arrematar um cavalo em leilão.

O vinho estava muito forte, muitas cabeças doeram. Até meu pai, rei Icário, embriagou-se. Ele suspeitava que Tíndaro e Odisseu haviam trapaceado, tinha quase certeza de algum ardil, mas não conseguiu descobrir como agiram; isso o enfurecia, e quando ele ficava bravo bebia mais ainda. Depois despejava insultos sobre os avós das pessoas. Mas ele era o rei, portanto não havia duelos.

Odisseu não se embriagou. Transmitia a impressão de beber muito sem que fizesse isso. Mais tarde comentou comigo que um homem que vive do espírito, como ele, precisa ter o espírito sempre afiado e ao alcance da mão, como se fosse um machado ou uma espada. Só os tolos, afirmava, se gabavam do quanto conseguiam beber. Isso costumava levar a competições de bebida e a desatenção e perda das faculdades. Então o inimigo atacava.

Quanto a mim, não pude comer nada. Excesso de nervosismo. Fiquei lá sentada, ocultada pelo véu de noiva, sem coragem nem para olhar na direção de Odisseu. Eu tinha certeza de que ele se decepcionaria comigo assim que eu erguesse o véu e abrisse caminho através do manto, do cinto e do vestido brilhante com que me cobriram. Contudo, ele não olhava para mim, aliás, ninguém olhava. Todas as vistas eram para Helena, que distribuía sorrisos nocauteantes a torto e a direito, sem perder um único homem. Ela sabia sorrir de um jeito que levava cada um deles a pensar que ela se apaixonara secretamente só por ele.

Suponho ter sido uma sorte Helena conseguir distrair a atenção de todos, pois evitava que notassem meu constrangimento e minha tremedeira. Eu não estava apenas nervosa, estava apavorada de verdade. As escravas encheram meus ouvidos com relatos a respeito da suíte nupcial, onde eu seria rasgada como a terra pelo arado, e do quanto isso seria doloroso e humilhante.

Quanto a minha mãe, ela interrompera seu nado incessante de golfinho para comparecer a meu casamento, gesto pelo qual sou menos grata do que deveria ser. Ela se sentou no trono, ao lado de meu pai, vestida de azul-claro, com uma pequena poça a seus pés. Fez um pequeno discurso enquanto as aias trocavam novamente minha roupa, mas eu não o considerei útil, na época. No mínimo, era indireto; bem, todas as náíades são oblíquas.

Eis o que ela disse:

A água não resiste. A água flui. Quando alguém mergulha a mão na água, sente apenas uma carícia. A água não é uma parede sólida, não a deterá. Mas a água sempre vai para onde deseja ir, e no final das contas nada pode impedi-la de seguir seu curso. A água é paciente. Água mole em pedra dura, tanto bate até que fura. Lembre-se disso, minha filha. Lembre-se de que você é metade água. Se não puder enfrentar um obstáculo, contorne-o. Como faz a água.

Após as cerimônias e o banquete realizou-se o costumeiro cortejo até a suíte nupcial, com as tochas, os gritos e os comentários vulgares de sempre. A cama fora enfeitada com flores, a soleira perfumada, a libação feita. Um guarda foi colocado à porta para evitar que a noiva fugisse horrorizada e para impedir que os amigos dela arrombassem a porta e a resgatassem quando ouvissem o grito. Tudo falso: a idéia era que a noiva havia sido roubada, e a consumação do casamento seria um estupro consentido. Representava-se uma conquista, a derrota do inimigo, uma morte fingida. Mas devia haver sangue.

Assim que a porta foi trancada, Odisseu pegou-me pela mão e me fez sentar na cama. “Esqueça tudo o que lhe disseram”, ele sussurrou. “Não vou machucar você, ou talvez só um pouquinho. Mas ajudaria nós dois se você fingisse. Eu soube que você é uma moça inteligente. Acha que conseguiria dar uns gritos? Isso os contentará — estão escutando atrás da porta — e fará com que se afastem e nos deixem em paz, para que possamos nos tornar amigos.”

Esse era um de seus grandes segredos para convencer os outros — ele conseguia fazer uma pessoa acreditar que os dois enfrentavam um obstáculo comum e que precisavam unir forças para superá-lo. Conseguia fazer qualquer um colaborar em sua pequena conspiração inventada. Ninguém era capaz de fazer isso melhor do que ele: aí, as histórias não mentem. E ele tinha mesmo uma voz maravilhosa, profunda e sonora. Portanto, é claro que fiz o que ele mandou.

Descobri logo que Odisseu não era o tipo de homem que simplesmente vira de lado e começa a roncar após o ato. Não que eu tenha identificado esse hábito masculino tão comum por experiência própria; mas, como já contei, conversei muito com as escravas. Odisseu gostava de conversar, e como contava histórias excelentes, eu as escutava de bom grado. Creio que ele valorizava muito isso em mim: a capacidade de apreciar as histórias. Trata-se de um talento pouco valorizado nas mulheres.

Eu havia tido a oportunidade de notar uma comprida cicatriz em sua coxa, e ele relatou como a adquirira. Como já mencionei, o avô dele era Autólico, que alegava ser filho do deus Hermes. Talvez fosse apenas um modo de dizer que ele era um velho safado, ladrão e mentiroso, e que a sorte o favorecia nas atividades do gênero.

Autólico era pai da mãe de Odisseu, Anticléia, que se casara com o rei Laertes, de Ítaca, e agora era minha sogra. Corria uma história caluniosa a respeito de Anticléia — que ela fora seduzida por Sísifo, vindo este a ser o

verdadeiro pai de Odisseu —, mas eu a considerava difícil de acreditar, pois quem desejaria seduzir Anticléia? Seria o mesmo que seduzir uma proa. Mas vamos deixar assim, por enquanto.

Sísifo era um homem tão ardiloso que teria enganado a morte duas vezes: a primeira ao convencer o rei Hades a colocar algemas que Sísifo se recusou a remover, e a segunda ao convencer Perséfone a deixá-lo sair do mundo subterrâneo por ele não ter sido adequadamente sepultado, e portanto não pertencer ao lado de lá do rio Estige. Se aceitarmos o boato a respeito da infidelidade de Anticléia, Odisseu tinha homens inescrupulosos dos dois lados de sua linhagem familiar.

Seja qual for a verdade, seu avô Autólico — que o batizara — convidou Odisseu ao monte Parnaso para apanhar os presentes prometidos em seu nascimento. Odisseu fez a visita durante a qual saiu para caçar javalis com os filhos de Autólico. E um javali excepcionalmente feroz o atingiu na coxa, deixando a cicatriz.

Algo no modo como Odisseu contou a história me levou a desconfiar que aquilo não era tudo. Por que o javali ferira Odisseu, e não os outros? Eles sabiam onde o javali se escondia e o conduziram a uma armadilha? Queriam ver Odisseu morto, assim o trapaceiro Autólico escaparia à obrigação de lhe dar presentes? É bem possível.

Eu preferia pensar assim. Gostava de achar que tinha algo em comum com meu marido: nós dois quase fôramos destruídos na infância por membros da família. Mais uma razão para ficarmos juntos e não confiar nos outros antes do tempo.

Em troca do caso da cicatriz contei a Odisseu a história de como quase me afoguei, sendo salva pelos patos. Ele se mostrou interessado e solidário, fez até perguntas — tudo que se espera de um ouvinte. “Coitada da minha patinha”, ele disse, enquanto me acariciava. “Não se preocupe. Eu nunca vou jogar uma mulher tão preciosa no oceano.” Ao ouvir isso chorei mais, sendo consolada de maneira adequada a uma noite de núpcias.

Portanto, quando raiou a aurora, Odisseu e eu éramos grandes amigos, como ele havia prometido. Ou, digamos de outro modo: eu havia desenvolvido sentimentos amigáveis em relação a ele — e mais do que isso, amorosos e apaixonados — e ele se comportava como se isso fosse recíproco. O que não é a mesma coisa.

Transcorridos alguns dias, Odisseu anunciou sua intenção de me levar com ele para Ítaca, junto com o dote. Isso contrariou meu pai — ele preferia manter os costumes antigos, disse, ou seja, queria que nós dois e a riqueza recém-adquirida ficássemos sob seu teto. Mas contávamos com o apoio de tio Týndaro, cujo genro era o poderoso Menelau, marido de Helena, e Icário teve de desistir de suas pretensões.

Todos provavelmente já ouviram falar que meu pai correu atrás de nossa carroça, após a partida, implorando para que eu permanecesse com ele, e que Odisseu perguntou se eu ia a Ítaca por livre e espontânea vontade e se queria ficar com meu pai. Consta que ergui o véu em sinal de resposta, sendo modesta demais para proclamar em palavras o desejo pelo marido, e que mais tarde ergueram uma estátua para mim, um tributo à virtude da Modéstia.

Há alguma verdade no relato. Mas ocultei o rosto com o véu para disfarçar, pois estava rindo. É preciso admitir que há certa comicidade num pai que certa vez jogara a própria filha no mar revolto e agora corria pela estrada atrás da mesma filha, gritando: “Fique comigo!”.

Não senti vontade de ficar. Naquele momento, eu ansiava por me afastar da corte espartana. Não fora muito feliz lá e queria começar uma vida nova.

Coro:
Seu eu fosse princesa,
uma canção popular

Interpretada pelas escravas, com violino, acordeom e apito

Primeira escrava:

*Se eu fosse princesa, cheia de prata e ouro,
Amada por um herói, jamais envelheceria;
Ou, se um jovem formoso me desposasse,
Linda, feliz e livre eu sempre seria!*

Coro:

*Siga então, senhora, por longas vagas,
Sobre a água fria feito cova escura
Que engolirá talvez seu barco azulado,
Pois à tona nos mantém só nossa fé mais pura.*

Segunda escrava:

*Apanho e levo sempre, ouço tudo e faço,
É “sim senhor” e “não senhora” dia após dia.
Por baixo do sorriso escorre a lágrima,*

Enquanto arrumo a cama fofo da paz alheia.

Terceira escrava:

*Ó deuses e profetas, chega desta vida!
Que um belo herói me queira como consorte!
Mas ninguém quer saber de mim, pobre coitada.
Meu fado é o trabalho, meu destino a morte.*

Coro:

*Siga então, senhora, por longas vagas,
Sobre a água fria feito cova escura
Que engolirá talvez seu barco azulado,
Pois à tona nos mantém só nossa fé mais pura.*

As escravas fazem uma medida.

Melanto, a de belas faces, passando o chapéu:

*Obrigada, senhor. Obrigada. Obrigada. Obrigada.
Obrigada.*

A galinha de confiança

Até Ítaca empreendi uma viagem marítima longa e apavorante, além de nauseante. Ou pelo menos assim me pareceu. Passei a maior parte do tempo deitada ou vomitando, por vezes as duas coisas. Provavelmente tinha aversão ao oceano por causa de minha experiência infantil, ou o deus do mar, Posídon, continuava aborrecido com a fracassada tentativa de me devorar.

Portanto, pouco vi das belezas do céu e das nuvens relatadas por Odisseu nas raras visitas que fez para saber como eu me sentia. Grande parte de seu tempo era passada na proa, vigiando (eu imaginava) com olhos de águia o mar à frente, para identificar recifes, serpentes marinhas e outros perigos, ou no leme, ou comandando o navio de algum outro jeito — ignoro qual, pois nunca estivera a bordo de um navio na vida.

Minha opinião a respeito de Odisseu melhorara desde o dia do casamento; agora eu o admirava imensamente e exagerava sua capacidade — vale lembrar, eu tinha apenas quinze anos. Confiava totalmente nele e o considerava um capitão infalível.

Chegamos por fim a Ítaca, entramos no porto rodeado de penhascos rochosos altos. Eles devem ter destacado vigias e acendido fogueiras para anunciar nossa aproximação, pois chegamos a um porto lotado de gente. Recebemos saudações, e começou um empurra-empurra entre os que queriam ver como eu era — prova inegável de que Odisseu cumprira sua missão, trazendo uma esposa nobre e os valiosos presentes que a acompanhavam.

Naquela noite houve uma festa para os aristocratas locais. Compareci usando um véu brilhante e um dos melhores vestidos bordados que trouxera, acompanhada de uma aia que eu também havia trazido. Ela foi presente de casamento de meu pai; chamava-se Actória e não estava nem um pouco contente por ter ido comigo para Ítaca. Ela não gostou de abandonar o luxo do palácio espartano e as amigas feitas entre os servos, e eu não podia culpá-la. Ela não era muito jovem — nem meu pai seria estúpido a ponto de mandar uma moça bonita comigo, possível rival nas atenções de Odisseu, principalmente porque uma de suas tarefas era montar sentinela do lado de fora de nosso quarto para evitar interrupções — e não durou muito. Sua morte me deixou sozinha em Ítaca, uma estranha no meio de um povo estranho.

Chorei muito escondida, naquela época. Tentava ocultar minha infelicidade de Odisseu, pois não queria parecer antipática. Ele continuava sendo atencioso e companheiro como no início, embora sua atitude fosse a de uma pessoa adulta para com uma criança. Com freqüência eu o surpreendia a me estudar, de cabeça inclinada e queixo na mão, como se eu fosse um enigma; esse, porém, era seu jeito com todos, logo concluí.

Certa vez ele me disse que todo mundo possuía uma porta secreta que dava acesso ao coração, e que para ele era ponto de honra descobrir como passar por essa porta. Pois o coração era ao mesmo tempo chave e fechadura, e quem soubesse penetrar no coração dos homens e conhecer seus segredos estava no caminho certo para dominar as Parcas e controlar o fio de seu próprio destino. Não que um homem possa realmente fazer isso, apressou-se a acrescentar. Nem mesmo os deuses são mais poderosos do que as Três Irmãs Fatais. Ele não as mencionava pelo nome, cuspiendo para afastar o azar; eu tremia só de pensar nelas em sua caverna lúgubre, fiando nossas vidas, medindo-as para depois cortá-las.

“Existe uma porta oculta para meu coração?”, perguntei num tom que esperava que fosse cativante e sedutor. “Você a encontrou?”

Odisseu sorriu ao ouvir isso. “Cabe a você dizer”, respondeu.

“E você, tem também essa porta em seu coração?”, falei. “Eu já achei a chave?” Enrubesco só de pensar no tom afetado com que perguntei isso: era o tipo de lisonja que Helena teria dito. Mas Odisseu me dera as costas e olhava pela janela. “Um navio entrou no porto”, ele disse. “Não é nau conhecida.” E franziu a testa.

“Você espera notícias?”, perguntei.

“Sempre espero notícias”, ele retrucou.

Ítaca não era nenhum paraíso. Ventava muito, fazia frio, chovia. Os nobres não passavam de um bando de maltrapilhos em comparação com os que eu conhecia, e o palácio, embora confortável, não podia ser chamado de magnífico.

Não faltavam pedras e cabras, como haviam alertado em minha casa. Mas também havia vacas, carneiros, porcos e grãos para o pão, além de peras, maçãs e figos de estação, de modo que comíamos bem, e com o tempo acostumei-me ao lugar. Além disso, ter um marido como Odisseu não era brincadeira. Todos na região o consideravam muito, recebíamos numerosos súditos com pedidos de conselhos e solicitações. Alguns vinham de navio, de muito longe, só para consultá-lo, pois ele adquirira a reputação de ser capaz de desatar qualquer nó, por mais complicado que fosse, embora às vezes desse outro mais complicado ainda.

Seu pai, Laertes, e sua mãe, Anticléia, viviam no palácio naquela época; a mãe ainda não havia morrido, cansada de olhar para o mar à espera do retorno de Odisseu, e, suspeito, devido a seu próprio sistema digestivo bilioso. O pai ainda não abandonara o palácio em desespero pela ausência do filho, para ir morar num casebre e se penitenciar lavrando a terra. Tudo isso aconteceria após anos de ausência de Odisseu, mas naquele momento eu não tinha a menor idéia do que enfrentaria depois.

Minha sogra era circunspecta, uma velha de boca enrugada como ameixa seca, e embora me houvesse recebido com uma saudação formal, não

aprovava minha presença. Não parava de dizer que eu era realmente muito jovem. Odisseu retrucava de forma seca que o problema se corrigiria sozinho, com o tempo.

A mulher que me deu mais trabalho no início foi a antiga aia de Odisseu, Euricléia. Todos a respeitavam, ela dizia, por ser inteiramente confiável. Vivia no palácio desde que o pai de Odisseu a comprara, e ele a valorizava tanto que nem sequer dormira com ela. “Imagina isso, para uma escrava!”, ela se gabou, cheia de si. “E eu era muito bonita naquele tempo!” Algumas escravas contaram que Laertes se contivera, mas não por respeito a Euricléia e sim por medo da esposa, que jamais lhe daria sossego se ele arranjasse uma concubina. “Anticléia seria capaz de gelar as bolas de Hélios”, segundo uma delas. Eu deveria ter repreendido a escrava pela grosseria, mas não pude conter o riso.

Euricléia fazia questão de me supervisionar, e me guiava pelo palácio mostrando onde tudo era guardado, enquanto repetia, exaustivamente, “é assim que fazemos as coisas por aqui”. Eu deveria agradecer a ela por isso, de coração e não só da boca para fora, pois não há nada mais constrangedor do que a gente dar um fora, mostrando ignorância dos costumes daqueles que nos rodeiam. Se devemos cobrir ou não a boca ao rir, em que ocasiões usar véu, quanto do rosto ele deve ocultar, quando tomar banho — Euricléia se especializara nesses assuntos. Sorte minha, pois minha sogra, Anticléia, que deveria ter assumido essa função, mostrou-se satisfeita em permanecer sentada em silêncio enquanto eu fazia papel de boba, com um sorriso maldoso na cara seca. Alegrou-se por seu adorado filho Odisseu ter dado um belo golpe — uma princesa de Esparta não se desprezava —, mas creio que teria preferido me ver morta de enjôo marítimo no percurso até Ítaca, e que Odisseu chegasse em casa com os presentes nupciais, mas sem a noiva. Sua expressão mais freqüente era “Você parece abatida”.

Eu a evitava ao máximo e circulava com Euricléia, que pelo menos se mostrava simpática. Ela dispunha de informações completas sobre as

famílias nobres vizinhas, e assim pude me inteirar de muitos casos desabonadores sobre elas que se revelariam úteis no futuro.

Ela falava o tempo inteiro, e não havia no mundo maior especialista em Odisseu. Tinha todas as informações a respeito de tudo de que ele gostava, do modo como queria ser tratado. Afinal, não o amamentara com seu próprio seio, quando era bebê, e depois não o criara? Ninguém além dela lhe dava banho, untava seu ombro, preparava seu desjejum, trancava seus tesouros, escolhia suas roupas e assim por diante. Ela não me deixava fazer nada, eu não podia desempenhar nenhuma tarefa para meu marido, e se tentasse realizar um serviço típico de esposa ela logo dizia que Odisseu não gostava das coisas daquele jeito. Até os trajés que eu tecia para ele não prestavam — pesado demais, leve demais, grosso demais, fino demais. “Pode deixar, servirão para o camareiro”, ela dizia, “mas não para Odisseu.”

Mesmo assim, ela tentava ser gentil a seu modo. “Vamos ter de engordar você um pouco”, dizia. “Assim dará um filho grande e forte a Odisseu! É a sua parte. Pode deixar o resto por minha conta.” Como ela era a única pessoa com quem eu podia conversar — além de Odisseu, claro —, com o tempo aprendi a aturá-la.

Seu valor foi comprovado quando Telêmaco nasceu. Registro o fato por gratidão. Ela disse as preces a Ártemis quando a dor me impediu de falar, segurou minha mão e limpou o suor da minha testa. Fez o parto, lavou o bebê, embrulhou-o na manta e o manteve aquecido. Pois de uma coisa ela entendia — como vivia dizendo —, de bebês. Usava uma linguagem especial com eles, *puro nonsense* — “Udzi uuu”, arrulhava para Telêmaco após enxugá-lo, quando terminava o banho. “A gague ugue gu!” E me incomodava pensar que meu Odisseu de voz grave e peito largo, tão capaz em termos de persuasão, tão articulado e digno, estivera quando bebê nos braços dela, forçado a ouvir aquele discurso insensato.

Mas eu não poderia criticá-la pelos cuidados com Telêmaco. Seu amor por ele era infinito. Dava a impressão de que era ela, e não eu, que havia dado à luz.

Odisseu estava contente comigo. Claro. “Helena ainda não teve filhos”, disse, o que deveria me dar prazer. E deu. Por outro lado, por que ele ainda pensava em Helena — talvez o tempo todo?

10

Coro:

O nascimento de Telêmaco, uma pastoral

*Por nove meses ele singrou os mares rubros do sangue materno
Para fora da gruta da noite escura, do sono,
Dos sonhos perturbadores ele saiu
Em seu bote frágil, o bote de si mesmo,
Pelo arriscado oceano de sua vasta mãe ele navegou
Desde a distante gruta onde os fios da vida dos homens são tecidos,
Depois medidos, depois cortados
Pelas Três Irmãs Fatais, atentas ao pavoroso ofício,
E as vidas das mulheres também se enredam nessa trama.*

*E nós, as doze que morreríamos por suas mãos
Sob o comando de seu pai implacável,
Navegamos também nos escuros botes frágeis de nós mesmas
Pelos mares turbulentos de nossas mães inchadas de pés lanhados
Que não eram rainhas, mas um grupo variado mestiço,
Compradas, trocadas, capturadas, raptadas de servos e estranhos.*

*Após a viagem de nove meses chegamos ao porto,
Atracamos ao mesmo tempo que ele, fustigadas pelo ar hostil,*

*Bebês quando ele era bebê, chorando justamente como ele chorava,
Impotentes como ele, mas dez vezes ainda mais impotentes,*

*Pois seu nascimento foi ansiado e festejado, e o nosso não.
Sua mãe ofertou um príncipe. Nossas diversas mães
Desovaram apenas, pariram, puseram ovo, expeliram, partejaram,
Desembucharam, descansaram e despejaram, produziram sua ninhada.
Éramos jovens animais, para sermos dispostas à vontade,
Vendidas, afogadas no poço, trocadas, usadas, descartadas quando
fenecidas.*

*Ele tinha pai; nós simplesmente aparecemos,
Como o açafraão, como a rosa, como os pardais concebidos na lama.*

*Nossas vidas estavam enredadas na dele; também éramos crianças
Quando ele era criança,
Éramos seus brinquedos e mascotes, irmãs de araque, magras companhias.
Crescemos enquanto ele crescia, também rimos, corremos como ele corria,
Embora com fome, cheias de areia, crestadas de sol, nos dias sem carne.
Ele nos via como coisa sua, para fazer o que bem entendesse,
Para cuidar dele, alimentá-lo, lavá-lo, diverti-lo,
Embalá-lo até que dormisse no perigoso bote de nós mesmas.*

*Não sabíamos, quando brincávamos com ele na areia
Da praia de nossa ilha pedregosa de muitas cabras, perto do porto,
Que aquele se destinara a ser nosso frio algoz adolescente.
Se soubéssemos, teríamos feito com que se afogasse, no início?
Crianças são egoístas e cruéis: todos querem sobreviver.*

*Doze contra um, ele não teria tido chance alguma.
E nós? Num minuto, quando ninguém estivesse olhando?
Segurando a cabeça da inocente criança sob a água*

*Com nossas ainda inocentes mãos infantis de criadas,
Para depois botar a culpa nas ondas. Teríamos tido coragem?
Pergunte às Três Irmãs, a fiar seus labirintos rubros,
Emaranhando as vidas dos homens e mulheres.
Só elas sabem como os eventos poderiam ter sido alterados.
Só elas conhecem nosso coração.
De nós você não obterá respostas.*

Helena arruína minha vida

Passado algum tempo acostumei-me ao novo lar, embora tivesse ali pouca autoridade, pois Euricléia e minha sogra supervisionavam todos os assuntos domésticos e tomavam as decisões da casa. Odisseu comandava o reino, naturalmente, com seu pai Laertes metendo a colher de tempos em tempos, fosse para contestar as decisões do filho, fosse para apoiá-las. Em outras palavras, ocorria a tradicional guerra familiar para ver quem mandava mais. Todos concordavam num ponto: não era eu.

A hora do jantar era especialmente estressante. Havia muitas rivalidades ocultas, birras e desentendimentos entre os homens, além dos silêncios pavorosos que rodeavam minha sogra. Quando eu tentava falar com ela, a velha nunca olhava para mim enquanto respondia, dirigindo seus comentários a um banco ou uma mesa. Como convém nas conversas com os móveis, seus comentários eram duros e cheios de farpas.

Concluí rapidamente que o mais seguro seria permanecer longe de tudo e me restringir aos cuidados com Telêmaco, quando Euricléia o permitisse. “Você mesma não passa de uma criança”, ela disse, tirando o bebê de meus braços. “Pode deixar que eu cuido dessa belezinha. Vá passear, divirta-se um pouco, minha pequena.”

Mas eu não sabia como me divertir. Passear pelos penhascos sozinha, como uma camponesa ou escrava, estava fora de questão: sempre que eu saía tinha de levar duas aias comigo — precisava zelar pela reputação de esposa real sob constante escrutínio —, mas elas permaneciam vários passos atrás

de mim, cumprindo o protocolo. Eu me sentia como um cavalo premiado em desfile, caminhando com vestido luxuoso enquanto os marinheiros olhavam embasbacados e as mulheres da cidade cochichavam. Não tinha amigas da mesma idade e condição, de modo que tais excursões não me agradavam e por isso rarearam.

De vez em quando eu me sentava no pátio, transformando a lã em fio, escutando as risadas, cantorias e folias das escravas na parte externa, enquanto realizavam suas tarefas. Quando chovia eu tecia nos aposentos das mulheres. Lá pelo menos tinha companhia, sempre havia algumas escravas nos teares. Gostava de tecer, até certo ponto. Uma atividade lenta, repetida e apaziguante. Ninguém, nem mesmo minha sogra, poderia me acusar de indolência quando eu me sentava para tecer. Não que ela tenha pronunciado uma palavra sequer a respeito, mas existem acusações silenciosas.

Eu passava boa parte do tempo em nosso quarto — o quarto que compartilhava com Odisseu. Era um belo aposento, com vista para o mar, embora não fosse tão refinado quanto meu quarto em Esparta. Odisseu fizera uma cama especial, uma das colunas fora lavrada na oliveira cujas raízes permaneciam fincadas no solo. Assim, ele declarou, ninguém seria capaz de mover a cama, e aquilo atrairia sorte para qualquer criança concebida nela. Aquela coluna da cama era seu grande segredo: ninguém sabia nada a respeito, exceto Odisseu e eu, e minha aia Actória, que já havia falecido. Se a história da coluna se espalhasse, Odisseu disse de modo comicamente sinistro, ele saberia que eu havia dormido com outro homem, e então — ele disse, olhando para mim com o que deveria ser uma expressão jocosamente ameaçadora — ele ficaria muito contrariado e teria de me picar em pedacinhos com a espada ou me enforcar na viga do telhado.

Fingi sentir medo e disse que nunca sequer pensaria em trair o segredo do pé da cama.

A bem da verdade, fiquei mesmo apavorada.

De todo modo, nossos melhores momentos transcorreram naquela cama. Assim que acabávamos de fazer amor Odisseu gostava de conversar comigo.

Ele contava muitas histórias, quase sempre casos ocorridos com ele em caçadas e expedições de saque e pilhagem. Falava sobre o arco que ninguém conseguia vergar, sobre os favores recebidos de sua protetora, a deusa Atena, que o apreciava pela mente engenhosa e pela habilidade em disfarces e estratagemas, e assim por diante. Mas ele contava outras histórias também — como a casa de Atreu sofrera sua maldição, como Perseu conseguira o Elmo da Invisibilidade no Hades e cortara a cabeça da odiosa górgona Medusa; como o renomado Teseu e seu companheiro Pirítoos raptaram minha prima Helena quando ela ainda nem tinha doze anos e a esconderam, com a intenção de disputar quem a desposaria quando atingisse a idade adequada. Teseu não a violentou, como seria de se esperar, por ser Helena apenas uma criança, pelo menos era o que se dizia. Ela foi salva pelos irmãos, mas só depois que eles travaram uma guerra contra Atenas para recuperá-la.

Essa última história eu já sabia, contada pela própria Helena. Soava muito diferente quando ela a narrava. Sua história enfatizava que Teseu e Pirítoos se deslumbraram tanto com sua incrível formosura que perdiam as forças quando olhavam para ela, e mal conseguiam se aproximar para tocar seu joelho e implorar perdão pela audácia. A parte da história de que ela mais gostava referia-se ao número de homens mortos na guerra ateniense: considerava tais perdas um tributo a sua pessoa. O mais triste é que as pessoas a elogiavam com tanta freqüência e a cobriam de tantos presentes e elogios que aquilo virara a cabeça dela. Ela pensava que poderia fazer qualquer coisa que lhe apetecesse, exatamente como os deuses de quem — estava convencida — descendia.

Eu me pergunto freqüentemente se não teríamos todos sido poupados dos sofrimentos e horrores que ela provocou por seu egoísmo e sua luxúria depravada, caso Helena não estivesse tão inchada de vaidade. Por que não podia levar uma vida normal? Mas, não — vidas normais entediavam, e Helena era ambiciosa. Queria ser famosa. Destacar-se na multidão.

Quando Telêmaco completou um ano, o desastre sobreveio. Por causa de Helena, como sabe hoje o mundo inteiro.

A primeira notícia sobre a catástrofe iminente chegou pelo capitão de um navio espartano que atracou em nosso porto. A nau empreendia viagem por nossas ilhas remotas, comprando e vendendo escravos, e como de costume, no caso de visitantes de certa importância, recebemos o capitão com um banquete e o hospedamos no palácio. Tais visitantes eram uma bem-vinda fonte de informações novas sobre quem morrera, quem nascera, quem se casara recentemente, quem matara quem em duelo, quem sacrificara o próprio filho a algum deus. Mas as notícias daquele homem eram extraordinárias.

Helena, relatou, fugira com um príncipe de Tróia. Páris era seu nome. Filho do rei Príamo, diziam ser excepcionalmente belo. Foi amor à primeira vista. Durante os nove dias de festividades — oferecidos por Menelau, por conta da alta posição do convidado — Páris e Helena trocaram olhares lânguidos pelas costas de Menelau, que nada notou. Isso não me surpreendeu, pois o sujeito era um grosseirão desprovido de perspicácia. Aposto que não estava à altura da vaidade de Helena, que se preparou para alguém capaz de contentá-la. Quando Menelau saiu da cidade para comparecer a um funeral, os dois amantes simplesmente encheram o navio de Páris com quanto ouro e prata puderam carregar e zarparam na surdina.

Menelau estava enfurecido, assim como seu irmão Agamemnon, por causa da honra familiar ultrajada. Enviaram emissários a Tróia, exigindo o retorno tanto de Helena quanto do tesouro, mas eles voltaram de mãos abanando. Enquanto isso, Páris e a pérfida Helena riam de todos, protegidos pelas altas muralhas de Tróia. Foi um escândalo, disse nosso convidado com evidente prazer: como todos, ele adorava quando os poderosos caíam de cara no chão. Não se fala noutra coisa, disse.

Ao ouvir o caso, Odisseu empalideceu, permanecendo porém em silêncio. Naquela mesma noite ele me revelou o motivo de sua preocupação.

“Fizemos um juramento”, explicou. “Juramos sobre os quartos de um cavalo sagrado sacrificado, portanto é sério. Todos os homens que juraram serão convocados a defender os direitos de Menelau e zarpar para Tróia, travando uma guerra para recuperar Helena.” Segundo ele, não ia ser fácil: Tróia era poderosa, muito mais difícil de derrotar que Atenas, devastada pelos irmãos de Helena pelo mesmo motivo.

Contive o desejo de afirmar que Helena deveria ficar presa num baú trancado num porão escuro, pois levava veneno entre as pernas. Em vez disso, perguntei: “Você será obrigado a ir?”. A idéia de viver em Ítaca sem Odisseu me desolava. Que alegria haveria ali para mim, sozinha no palácio? *Com sozinha* quero dizer sem amigos ou aliados. Nada de prazeres noturnos para contrabalançar o controle de Euricléia e os silêncios pavorosos de minha sogra.

“Fiz o juramento”, Odisseu respondeu. “A bem da verdade, o juramento foi idéia minha. Vai ser difícil eu me safar, agora.”

Mesmo assim, ele tentou. Quando Agamemnon e Menelau chegaram, como se esperava, acompanhados de um amigo fiel, Palamedes, que não era idiota como os outros, Odisseu estava pronto para eles. Espalhara a história de que enlouquecera, e para reforçá-la pôs um chapéu ridículo de camponês e lavrava a areia com um boi e um asno, para ali semear sal. Eu me considerei muito esperta quando me ofereci para acompanhar os três visitantes até o local, para testemunhar a lamentável cena. “Vocês verão”, proclamei em lágrimas. “Ele nem sequer reconhece o próprio filho pequeno!” E levei o bebê comigo para reforçar o argumento.

Foi Palamedes quem desmascarou Odisseu — arrancou Telêmaco de meus braços e o colocou no sulco do arado, na frente de todos. Odisseu foi obrigado a parar, ou atropelaria o filho.

Assim sendo, ele teve de ir também.

Os outros três o lisonjearam, dizendo que o oráculo decretara que Tróia não cairia sem sua ajuda. Isso facilitou os preparativos para a partida,

naturalmente. Quem, entre nós, pode resistir à tentação de ser considerado indispensável?

Espera

O que posso dizer a respeito dos dez anos seguintes? Odisseu zarpou para Tróia. Eu fiquei em Ítaca. O sol se levantava, atravessava o céu e se punha. Só de vez em quando eu pensava nele como a carruagem flamejante de Hélios. A luz fazia o mesmo, mudando conforme a fase. Só de vez em quando eu pensava nela como o barco de prata de Ártemis. Primavera, verão, outono e inverno sucediam-se conforme a ordem prescrita. O vento soprava quase sempre. Telêmaco crescia, ano após ano, comendo muita carne, mimado por todos.

Recebíamos notícias periódicas sobre o andamento da guerra contra Tróia: algumas boas, outras más. Os menestréis entoavam canções sobre os heróis mais notáveis — Aquiles, Agamemnon, Ajax, Menelau, Heitor, Enéas e outros. Não me importava com eles: aguardava apenas notícias sobre Odisseu. Quando ele voltaria para me libertar do tédio? Ele também aparecia nas canções, em relatos que eu muito valorizava. Fazia discursos inspirados, unia facções rivais, imaginava ardis espantosos, distribuía sábios conselhos, disfarçava-se de escravo fugitivo para entrar furtivamente em Tróia e falar com Helena em pessoa, que — dizia a canção — o banhara e untara com suas próprias mãos.

Eu não gostava tanto dessa parte.

Finalmente, lá estava ele, criando o estratagema do cavalo de madeira cheio de soldados. Depois — as notícias corriam de um farol a outro — Tróia caiu. Seguiram-se relatos da carnificina e da pilhagem da cidade. O

sangue tingiu ruas de vermelho, o céu acima do palácio incendiou-se; meninos inocentes foram atirados do alto do penhasco, e as mulheres troianas foram divididas entre os vencedores, entre elas as filhas do rei Príamo. Finalmente, as tão ansiadas notícias vieram: as naus gregas zarparam para casa.

Depois, mais nada.

Dia após dia eu subia ao andar superior do palácio e ficava observando o porto. Dia após dia, e nenhum sinal. De vez em quando surgiam navios, mas nunca o navio que eu queria ver.

Rumores chegaram, trazidos por outras naus. Odisseu e seus homens se embriagaram no primeiro porto de parada e os marinheiros se amotinaram, diziam alguns; nada disso, afirmavam outros, eles comeram uma planta mágica que os fez perder a memória, e Odisseu os salvara, amarrando-os para levá-los de volta ao navio. Odisseu enfrentara um gigante ciclope de um olho só, segundo alguns; nada disso, foi só um taberneiro caolho, disse outro, com quem brigou por causa da conta. Alguns de seus homens teriam sido devorados por canibais, alguns diziam; não, foi só uma escaramuça normal, alegavam outros, com narizes sangrando, mordidas na orelha, facadas e eviscerações. Odisseu residia numa ilha encantada, como hóspede de uma deusa, diziam alguns; ela transformara seus marinheiros em porcos — nenhuma proeza nisso, em minha opinião — e os transformara novamente em homens depois de se apaixonar por Odisseu e alimentá-lo com iguarias extravagantes preparadas por suas próprias mãos divinas, e os dois deliravam ao fazer amor todas as noites; que nada, diziam outros, era só um puteiro chique e ele tomava dinheiro da cafetina.

Desnecessário dizer, os menestréis abordavam os temas e os complementavam consideravelmente. Sempre cantavam a versão mais nobre na minha presença — na qual Odisseu era protegido pelas deusas, criativo, bravo, expedito e enfrentava monstros sobrenaturais. A única razão que o

impedia de voltar para casa era um deus — Posídon, deus do mar, segundo alguns — inimigo dele, pois o ciclope abatido por Odisseu seria seu filho. Ou havia vários deuses furiosos com ele. Ou outra coisa. Com certeza — os menestréis enfatizavam, por adulação — só um poder divino superior poderia evitar que meu marido voltasse correndo o mais rápido possível para os amorosos — e adoráveis — braços da esposa.

Quanto mais eles caprichavam nessa parte, mais caros eram os presentes devidos por mim. E eu sempre os recompensava. Até uma invenção óbvia serve para reconfortar um pouco, na falta de opções.

Minha sogra morreu, enrugada e seca feito barro ao sol, doente de tanto esperar, convencida de que Odisseu jamais retornaria. Para ela era tudo culpa minha, e não de Helena: fora eu quem levava o bebê para a praia! Euricléia envelhecia cada vez mais. O mesmo vale para meu sogro Laertes. Perdeu o interesse pela vida palaciana e se mudou para o interior; queria viver nas suas fazendas, onde era visto capengando em trajes humildes, resmungando por causa das pereiras. Desconfiei que estivesse meio ruim da cabeça.

Agora eu cuidava sozinha da imensa riqueza de Odisseu. Eu não havia sido preparada para a tarefa, durante minha vida em Esparta. Afinal, era uma princesa, o trabalho cabia aos outros. Minha mãe, embora fosse rainha, não dera um bom exemplo. Não lhe apeteciam as refeições servidas no palácio, pois peças enormes de carne eram o prato predileto. Ela preferia — no máximo — comer uns peixinhos acompanhados de algas marinhas. Costumava devorar os peixes crus, começando pela cabeça, atividade que eu observava com apavorado fascínio. Já contei que ela exibia dentinhos pontiagudos?

Minha mãe odiava dar ordens aos escravos ou puni-los, embora pudesse ocasionalmente matar algum que a contrariasse — não conseguia compreender seu valor como propriedade —, e a atividade febril de ficar e

tecer não lhe dizia respeito. “Muito nó. Serviço de aranha. Deixo para Aracne”, ela disse. Quanto à tarefa de supervisionar os mantimentos e vinhos que ela chamava de “brinquedos prediletos dos mortais”, nas adegas e nos vastos depósitos do palácio, ela apenas ria. “Náiades só sabem contar até três”, dizia. “Peixes vêm em cardumes, não em listas. Um peixe, dois peixes, três peixes, outro peixe, outro peixe, outro peixe! É assim que os contamos!” E soltava sua gargalhada musical. “Nós imortais não somos avarentos. Não guardamos coisas! Quanta inutilidade!” E ela se afastava para dar um mergulho na fonte do palácio, ou desaparecia por vários dias, para brincar com os golfinhos e pregar peças nos mariscos.

Portanto, no palácio de Ítaca tive de aprender da estaca zero. No início, fui impedida por Euricléia, que tomava conta de tudo, mas ela finalmente se deu conta de que havia serviço demais, até para uma pessoa esforçada como ela. Conforme os anos iam passando, aprendi a fazer inventários — onde há escravos costuma haver furto, se a gente não ficar de olho — e a organizar os cardápios e o guarda-roupa do palácio. Embora os trajes dos escravos fossem rústicos, depois de algum tempo eles estavam caindo aos pedaços e precisavam ser substituídos. Eu instruía as fiandeiras e tecelãs a respeito do que precisavam produzir. Os moedores de grãos ocupavam o degrau mais baixo na hierarquia dos escravos e residiam num prédio externo — viviam trancados lá, em geral por mau comportamento, brigavam constantemente, e eu precisava ficar atenta a vinganças e rivalidades.

Os escravos não podiam dormir com as escravas sem permissão. Situação problemática. Por vezes eles se apaixonavam e sentiam ciúme, assim como seus patrões, e criavam inúmeros problemas. Se o caso escapava ao controle, eu tinha de vender o escravo. Mas, quando nascia uma bela criança desses encontros eu a mantinha e criava pessoalmente, ensinando-a a ser uma escrava refinada e agradável. Talvez eu tenha mimado demais algumas dessas meninas. Euricléia vivia insinuando isso.

Melanto, a de belas faces, era uma delas.

Por meio do despenseiro eu negociava suprimentos, e logo adquiri reputação de esperteza nos negócios. Com ajuda do capataz eu supervisionava fazendas e rebanhos, fazendo questão de aprender tudo a respeito da criação de vacas e ovelhas, e como evitar que uma porca devorasse sua ninhada. À medida que aprendia, passei a apreciar as conversas sobre esses assuntos plebeus e sujos. Era motivo de orgulho para mim quando o guardador dos porcos me procurava para pedir conselhos.

Minha política priorizava o aumento da riqueza de Odisseu, para que ele ao voltar estivesse mais rico do que ao partir — mais carneiros, mais vacas, mais campos lavrados, mais escravos. Eu imaginava a cena claramente. Odisseu voltava e eu — com feminina modéstia — lhe revelava meu sucesso nas atividades consideradas masculinas. Para o bem dele, claro. Sempre para ele. Seu rosto brilharia de alegria! Ele ficaria contente comigo! “Você vale mais que mil Helenas”, diria. Ou não? E depois me tomaria ternamente em seus braços.

Apesar de tantas ocupações e responsabilidades, eu me sentia mais sozinha do que nunca. Não tinha conselheiros confiáveis. Com quem poderia contar de verdade, exceto comigo? Eu chorava até dormir, noites a fio, ou pedia aos deuses que me concedessem a volta do marido amado ou a morte rápida. Euricléia preparava banhos reconfortantes e bebidas calmantes, embora isso tivesse um preço, seu hábito irritante de desfiar ditados populares destinados a me manter de queixo erguido e estimular minha dedicação e trabalho duro, como:

Zeus ajuda quem cedo madruga.

Ou:

Quem quiser comer, depene.

Ou:

Dona indolente, escravo abusado:

Não faz mais o que lhe é mandado.

Vira safado, perdido ou ladrão:

Largue do relho, arrume um poltrão!

E outros ditos do mesmo tipo. Se ela fosse mais jovem, eu a esbofetearia.

Contudo, seus apelos devem ter surtido algum efeito, pois durante o dia eu conseguia manter a aparência de esperançosa e contente, não tanto por mim quanto por Telêmaco. Eu lhe contava histórias de Odisseu — que era um grande guerreiro, inteligente e formoso. Tudo seria maravilhoso assim que ele voltasse para casa.

Aumentava a curiosidade a meu respeito, como era de se esperar, no caso da esposa — ou seria viúva? — de um homem tão famoso; navios estrangeiros aportavam com maior freqüência, trazendo novos boatos. Também eram portadores de sondagens ocasionais: se a morte de Odisseu fosse confirmada, que os deuses nos protejam, estaria eu disposta a outras propostas? Eu e meus tesouros. Ignorava as insinuações, pois notícias a respeito de meu marido — duvidosas, mas notícias assim mesmo — continuavam chegando.

Odisseu descera à Terra dos Mortos para consultar os espíritos, diziam alguns. Nada disso, apenas passou a noite numa caverna escura cheia de morcegos, rebatiam outros. Ele obrigara os marinheiros a pôr cera nos ouvidos, disse um, quando navegavam na área das sereias — ser metade pássaro, metade mulher —, que atraíam os homens a sua ilha e os devoravam, embora ele tivesse sido amarrado no mastro para ouvir seu canto irresistível sem saltar a amurada. Nada disso, sustentou um outro, era uma casa de tolerância siciliana de luxo — as cortesãs ganharam fama por seu talento musical e seus trajes exóticos emplumados.

Difícil saber em quem acreditar. Por vezes eu concluía que certas pessoas inventavam histórias só para me assustar e ver meus olhos cheios de lágrimas. Havia um prazer mórbido em atormentar os vulneráveis.

Qualquer notícia era melhor do que nenhuma, por isso eu ouvia todas elas, avidamente. Mas, após alguns anos, os rumores cessaram completamente: Odisseu parecia ter sumido da face da terra.

13

Coro:
O capitão astuto,
uma nau precária

Interpretado pelas doze escravas em trajes de marinheiro

*Ah! O grande Odisseu zarpando de Tróia,
Traz o coração e o barco cheios de jóias,
Pois ele era o querido da deusa Atena,
Sempre a mentir, a roubar e a iludir.*

*Seu primeiro porto de escala foi Lótus,
Onde nós marujos nos limpamos da guerra suja
E logo retornamos todos às negras naus bojudas,
Apesar de exaustos e tão sofridos.*

*Na terra do Ciclope caolho terrível aportamos
Depois, ele nos queria comer, furamos seu olho,
E nosso chefe disse: “Meu nome é Ninguém”, antes
De se gabar, porém: “Sou Odisseu, rei dos logros!”.
Ganhou assim a maldição de Posídon feito inimigo,
Sempre no encalço enquanto ele singra os mares,
Para soltar os ventos que soprarão impetuosos*

Contra Odisseu, o mais salgado marujo!

*Um brinde ao capitão, tão livre e galante!
Preso numa pedra, pendurado na árvore,
Ou nos braços gentis de uma ninfa marinha,
Onde todos marujos queríamos estar!*

*Os vis lestrigões foram os seguintes,
Comeram nossos homens dos pés à cabeça,
Ele lamentou ter pedido a eles comida,
Odisseu, o épico masculino!*

*Na ilha de Circe viramos suínos,
Até Odisseu deitar com a deusa,
Tomar o seu vinho, devorar os seus bolos,
E passar um ano como hóspede jovial!*

*Então, saúde ao capitão, onde quer que se encontre,
Jogado para cá e para lá pelo imenso oceano,
Sem a menor pressa de chegar em casa —
Odisseu, o velho rabugento artiloso!*

*A Ilha dos Mortos foi sua parada seguinte,
Encheu uma vala de sangue, controlou os espíritos,
Até descobrir o que Tirésias, o vidente, tinha a dizer,
Odisseu, o mais esperto dos trapaceiros!
As sereias cantoras ele enfrentou em seguida,
Elas tentaram atraí-lo a sua cova emplumada,
Enquanto ele gritava e puxava, atado ao mastro,
E apenas Odisseu desfrutou o seu canto!*

*O redemoinho de Caribdes não apanhou nosso herói,
Nem Cila, de cabeça peçonhenta, foi capaz de pegá-lo,
E ele evitou as pedras que nos reduziriam a pó,
Pois sua queda ele não esperou ocorrer!*

*Quando nós, seus homens, desobedecemos ordens expressas
E comemos os bois do Sol, sem dúvida uma delícia,
Perecemos todos na tempestade, sem capitão como companhia,
Que foi para a ilha da deusa Calipso.*

*Após sete longos anos de beijos e abraços,
Ele escapou numa jangada de frágil estrutura,
Até que as lindas servas de Nausicaa o encontraram
Quando foram lavar roupa, caído na praia,
Desnudo, gelado, pingando molhado!*

*Ele contou suas aventuras e juntou a sua história
Centenas de mortes e dores sofridas,
Ninguém sabe dizer o que o destino reserva,
Nem Odisseu, um mestre em disfarces!*

*Um brinde ao nosso capitão, onde quer que esteja,
Caminhando sobre a terra ou perdido nos mares,
Pois não está cá no Hades, ao contrário de nós —
E disso vocês não tirarão o menor proveito!*

Os pretendentes se empanturram

Eu passeava pelos campos elísios outro dia, se fosse dia, mordiscando asfódelos, quanto topei com Antino. Ele normalmente desfila com seu manto mais fino, em trajes de gala, broches de ouro e tudo mais, parece beligerante e altivo, assustando outros espíritos; mas, assim que me vê, assume o disfarce de seu próprio cadáver, o sangue lhe escorre pela frente do corpo, pois ele tem uma flecha atravessada no pescoço.

Antino foi o primeiro dos pretendentes a ser atingido por Odisseu. Sua performance com a flecha tenta me condenar, pelo menos na visão dele, mas comigo não funciona. O sujeito era péssimo quando vivo, e não melhorou nada.

“Saudações, Antino”, falei a ele. “Gostaria que você removesse a flecha do pescoço.”

“Esta é a flecha do meu amor, Penélope de divina forma, a mais linda e inteligente de todas as mulheres”, ele retrucou. “Embora ela tenha saído do renomado arco de Odisseu, na realidade o cruel arqueiro foi o próprio Cupido. Eu a porto como lembrança da grande paixão que nutro por você, e a levei comigo ao túmulo.” E continua com esse discurso fingido por um bom tempo, pois o praticara muito durante a vida.

“Deixe isso para lá, Antino”, falei. “Estamos mortos. Você não precisa arengar mais aqui, com seus modos fátuos — não tem nada a ganhar com

isso. Sua famosa hipocrisia perdeu o sentido. Portanto, seja gentil e tire a flecha. Ela não melhora sua aparência em nada.”

Ele me encarou, lúgubre, com olhos de cão açoitado. “Implacável em vida, implacável na morte”, ele disse, suspirando. Mas a flecha e o sangue desapareceram, e sua pele branco-esverdeada voltou ao normal.

“Obrigada”, falei. “Assim está melhor. Agora podemos ser amigos, e como meu amigo você poderia me contar por que os pretendentes arriscaram tanto a vida, agindo de modo abusivo em relação a mim e a Odisseu, não por um momento, mas durante vários anos? Vocês foram muito bem avisados. Os profetas anunciaram sua desgraça, e o próprio Zeus enviou presságios pelos pássaros e trovões significativos.”

Antino suspirou. “Os deuses queriam nos destruir”, disse.

“Todo mundo que se comporta mal dá essa desculpa”, falei. “Diga a verdade. Por minha divina beleza é que não foi. Eu tinha trinta e cinco anos no final da história, estava abatida pelo pranto e pela espera, e como nós dois sabemos eu estava ganhando um pouco de cintura. Os pretendentes nem eram nascidos quando Odisseu partiu para Tróia, ou mal passavam de bebês, como meu filho Telêmaco, no máximo eram crianças, em termos de idade eu poderia ser mãe de vocês. Viviam alegando que seus joelhos bambeavam ao me ver, e o quanto desejavam compartilhar a cama comigo e ter filhos, embora soubessem muito bem que isso seria cada vez mais difícil.”

“Você ainda conseguiria parir um ou dois pestinhas”, Antino retrucou. Ele mal conseguia reprimir o sorriso maldoso.

“Assim melhorou”, falei. “Prefiro respostas diretas. Então, qual era seu verdadeiro motivo?”

“Queríamos o tesouro, naturalmente”, ele disse. “Além do reino, claro.” Dessa vez ele teve o descaramento de gargalhar. “Qual jovem não sonha em casar com uma viúva rica e famosa? Consta que as viúvas ardem de desejo, principalmente quando os maridos estão desaparecidos ou mortos há muito tempo, como no seu caso. Você não era nenhuma Helena, mas dava para encarar. A escuridão esconde muita coisa! Melhor ainda você ter vinte anos

a mais — morreria primeiro, talvez com uma pequena ajuda, e, depois de nos apoderarmos de suas riquezas, poderíamos escolher qualquer princesa jovem e linda que nos agradasse. Você não acreditou que estávamos todos loucamente apaixonados por você, não é? Talvez não fosse a mulher mais linda do mundo, mas era bem inteligente.”

Eu disse que preferia respostas diretas, mas ninguém as prefere, principalmente quando não são nada lisonjeiras. “Obrigada pela franqueza”, falei friamente. “Deve aliviar seu coração expressando os sentimentos verdadeiros de vez em quando. Pode pôr a flecha de volta agora. A bem da verdade, fico contente quando a vejo em seu pescoço gordo e mentiroso.”

Os pretendentes não entraram em cena imediatamente. Durante os primeiros dez anos de ausência de Odisseu sabíamos onde ele estava — em Tróia — e que continuava vivo. Não, eles só passaram a sitiar o palácio quando a esperança diminuiu e oscilou. Primeiro vieram cinco, depois dez, depois cinquenta — quanto mais gente chegava, mais gente vinha para não perder a festa perpétua e a loteria do casamento. Como abutres quando encontram uma vaca morta: o primeiro pousa, aí vem outro, até que finalmente todos os abutres da região estão bicando a carcaça.

Eles simplesmente apareciam de manhã no palácio, todos os dias, e se proclamavam convidados, impondo sua presença indesejada. Depois, aproveitando-se de minha fraqueza e da ausência dos homens, dizimavam os animais, que abatiam pessoalmente para assar a carne com a ajuda de seus serviçais, além de dar ordens às escravas e beliscar o traseiro delas, como se estivessem em sua própria casa. Impressionante a quantidade de comida que eram capazes de engolir — comiam como se as pernas deles fossem ocas. Cada um se comportava como se tentasse superar os outros à mesa — seu objetivo era enfraquecer minha resistência com a ameaça da miséria, portanto montanhas de carne, pilhas enormes de pão e rios de vinho desapareciam em suas gargantas como se a terra se abrisse e engolisse

tudo. Ameaçavam continuar assim até que eu escolhesse outro marido, e alternavam as festas e bebedeiras com discursos idiotas sobre minha estonteante beleza, competência e sabedoria.

Não posso negar que os elogios me agradavam. Todos gostam de ouvir canções em seu louvor, mesmo que não dê para acreditar nos cantores. Mas eu tentava ver suas palhaçadas como veria um espetáculo dos bufões. Que novos símiles empregariam? Qual deles fingiria de maneira mais convincente desfalecer quando me via? De vez em quando eu aparecia no salão onde se banquetevavam — acompanhada de duas escravas — só para observar seus esforços. Anfínomo normalmente vencia no quesito boas maneiras, embora não fosse nem de longe o mais vigoroso. Admito que ocasionalmente, em meus devaneios, eu pensava em qual deles escolheria para deitar comigo, se fosse o caso.

Mais tarde, as escravas contavam as conversas que os pretendentes travavam pelas minhas costas. Elas estavam em posição privilegiada para ouvir tudo, sendo forçadas a servir a carne e o vinho.

E o que os pretendentes tinham a dizer a meu respeito, entre eles? Eis alguns exemplos:

Primeiro prêmio, uma semana na cama de Penélope. Segundo prêmio, duas semanas na cama de Penélope. Feche os olhos e são todas iguais — imagine que é Helena, sua lança será de bronze, rá rá rá! Quando será que a bruxa velha vai tomar a decisão? Vamos matar o filho dela, tirá-lo do caminho enquanto ainda é pequeno — o miserável já começou a me dar nos nervos. O que impede um de nós de agarrar a vaca velha e dar um jeito nela? Não, amigos, isso seria desonesto. Lembrem-se do que combinamos — quem vencer dará presentes valiosos aos outros, está combinado, certo? Estamos nisso juntos, para o que der e vier. Quem ganhar vai ter de matar a velha a pau, rá rá rá.

De vez em quando eu me perguntava se as escravas não exageravam, por entusiasmo ou para me provocar. Elas davam a impressão de que adoravam fazer esses relatórios, principalmente quando eu me esvaía em lágrimas e orava a Atena para trazer Odisseu de volta ou pôr um fim ao meu sofrimento. Elas podiam chorar também, lamentar e gritar, e me trazer bebidas reconfortantes. Era um alívio para os nervos delas.

Euricléia mostrava-se especialmente diligente na transmissão dos mexericos maliciosos, verdadeiros ou inventados: provavelmente tentava endurecer meu coração contra os pretendentes e seus apelos veementes, para que eu permanecesse fiel até o fim. Ela sempre foi a maior fã de Odisseu.

O que eu poderia fazer para deter aqueles jovens patifes aristocratas? Naquela idade eram todos metidos a valente, portanto apelar para sua generosidade, tentar argumentar ou ameaçá-los de vingança não surtia efeito. Nenhum deles desistia, por medo de que os outros zombassem dele e o chamassem de covarde. Reclamar com seus pais de nada adiantou: as famílias esperavam lucrar com seu comportamento. Telêmaco, jovem demais para se opor a eles, de todo modo estaria sozinho, e os outros somavam cento e onze homens, ou cento e oito, ou cento e vinte — era difícil contar, havia tantos. Os homens leais a Odisseu o acompanharam a Tróia, os remanescentes que poderiam ficar a meu lado temiam se manifestar, sendo intimidados pela maioria dos que estavam contra mim.

Eu sabia que não adiantaria tentar expulsar os pretendentes indesejáveis, ou trancar as portas do palácio para impedir sua entrada. Se eu tentasse, eles apelariam para a violência e atacariam para obter pela força o que tentavam conseguir pela persuasão. Mas eu era filha de uma náiaide: lembrei-me do conselho de minha mãe. *Seja como a água, disse com meus botões. Não tente se opor a eles. Quando tentarem agarrá-la, escorregue por entre seus dedos. Contorne-os.*

Por isso fingi certa receptividade a suas investidas. Cheguei a ponto de encorajar um deles, depois outro, e enviar mensagens secretas. Mas, disse a todos, antes de escolher um deles eu queria ter certeza absoluta de que Odisseu jamais retornaria.

A mortalha

A pressão em cima de mim aumentava mês a mês. Passava dias inteiros no quarto — não no quarto que compartilhava com Odisseu, eu não suportaria, mas sim num quarto privado na ala das mulheres. Eu deitava na cama e chorava, pensando no que deveria fazer. Com certeza não queria desposar nenhum daqueles jovens grosseiros. Mas meu filho Telêmaco estava crescendo — tinha a mesma idade dos pretendentes, ou quase — e começava a me olhar de esguelha, acusando-me de responsável pela contínua dilapidação de sua herança, que estava sendo literalmente engolida.

Seria bem mais fácil para ele que eu arrumasse a mala e voltasse para a casa de meu pai, o rei Icário, de Esparta. A chance de eu fazer isso de livre e espontânea vontade era zero: não tinha a menor intenção de ser balançada no mar pela segunda vez. Telêmaco inicialmente pensou que meu retorno ao palácio paterno seria uma bela solução, do seu ponto de vista, mas pensou melhor — ou fez as contas — e percebeu que boa parte do ouro e da prata do palácio me acompanharia no retorno, pois constituía meu dote. Se eu permanecesse em Ítaca e desposasse um dos nobres mimados, o rapaz se tornaria rei, e padraсто dele, com autoridade sobre Telêmaco. Receber ordens de um rapaz da sua idade não o entusiasmava.

Realmente, a melhor solução para ele seria uma conveniente morte de minha parte, de maneira que não fosse possível acusá-lo. Pois, se agisse como Orestes — e sem motivo, ao contrário de Orestes — e matasse a mãe,

ele atrairia as Eríneas — as Fúrias temíveis, com cabelo de serpentes, cabeça de cão e asas de morcego —, que o perseguiriam a latir e sibilar, com chicotes e açoites, até que enlouquecesse. Como me mataria a sangue-frio, pelo mais vil dos motivos — aquisição de riquezas —, seria impossível obter purificação em qualquer templo, ele viveria marcado pelo meu sangue até sua morte horrível como louco furioso.

A vida da mãe é sagrada. Mesmo a vida de uma mãe malcomportada é sagrada — vejam a vil Clitemnestra, assassina do marido, torturadora dos filhos —, e ninguém me acusou de ser uma mãe ruim. Mas a ofensiva de monossílabos impacientes e olhares ressentidos que eu recebia de meu próprio filho não me agradava.

Quando os pretendentes iniciaram sua campanha, eu lhes avisei que o retorno de Odisseu havia sido anunciado por um oráculo. Mas, como ele não voltava, ano após ano, a fé no oráculo declinou aos poucos. Talvez ele tenha sido mal interpretado, alegavam os pretendentes: os oráculos eram sabidamente ambíguos. Até eu comecei a duvidar, e finalmente fui forçada a admitir — pelo menos em público — que Odisseu estava provavelmente morto. Contudo, seu espectro jamais aparecera em meus sonhos, como seria adequado. Eu não acreditava que ele deixaria de me mandar do Hades um recado de algum tipo, caso tivesse chegado àquele reino sombrio.

Eu pensava num meio de adiar o dia da decisão, sem me comprometer. Finalmente pensei num artil. Quando contava a história, depois, eu costumava dizer que Palas Atena, deusa dos tecidos, dera a idéia, e talvez fosse verdade, pelo que sei; creditar aos deuses uma inspiração era sempre um bom modo de evitar acusações de orgulho indevido, se o esquema desse certo, bem como de culpa, caso fracassasse.

Fiz o seguinte. Iniciei a confecção de uma peça grande em meu tear, informando que se tratava de uma mortalha para meu sogro Laertes, pois seria ímpio de minha parte não providenciar um manto magnífico para ele, quando falecesse. Até o término dessa sagrada tarefa eu nem admitiria

pensar em escolher um novo marido, mas assim que acabasse eu selecionaria rapidamente o afortunado.

(Laertes não gostou muito de meu gesto afetuoso: depois que ouviu a história, manteve distância ainda maior do palácio. E se um pretendente apressado resolvesse acelerar sua partida, forçando-me a sepultar Laertes com a mortalha, pronta ou não, para precipitar meu próprio casamento?)

Ninguém poderia se opor à tarefa extremamente pia. Eu passava o dia trabalhando em meu tear, tecendo diligentemente enquanto dizia coisas como “Esta mortalha seria mais apropriada para mim do que para Laertes, pois estou desconsolada e condenada pelos deuses a uma vida que é como a morte”. Mas de noite eu desfazia o que tecera, para que a mortalha jamais fosse terminada.

Escolhi doze de minhas escravas para ajudar na delicada tarefa. As mais jovens, pois estavam comigo desde que nasceram. Eu as havia comprado ou recebido quando eram bebês, elas brincaram com Telêmaco e foram cuidadosamente treinadas para desempenhar as tarefas do palácio. Eram moças agradáveis, cheias de energia; faziam algazarra e riam alto às vezes, todas as moças agem assim, e eu até me animava ao ouvir suas conversas e canções. Tinham lindas vozes, todas elas, e haviam aprendido a usá-las muito bem.

Elas serviam como meus olhos e ouvidos dentro do palácio, e ajudaram a desfazer a trama por trás da porta trancada, no meio da noite, à luz das tochas, por mais de três anos. Embora tivéssemos de agir discretamente e falar baixo, sussurrando, essas noites tinham um toque de festa e até de diversão. Melanto, a de belas faces, surrupiava petiscos para beliscarmos — figos de época, pão com mel, vinho quente no inverno. Contávamos histórias enquanto realizávamos nossa tarefa de desconstrução; contávamos anedotas e decifrávamos charadas. Sob a luz trêmula das tochas nossos rostos diurnos mudavam, tornavam-se mais meigos, assim como os modos. Parecíamos até irmãs. Pela manhã, com os olhos fundos pela falta de sono, trocávamos sorrisos cúmplices e furtivos toques das mãos. As respostas

delas, “Sim, senhora” e “Não, senhora”, flertavam com o riso, e nem as moças nem eu levávamos o comportamento servil muito a sério.

Infelizmente, uma delas traiu o segredo de meu tecer interminável. Tenho certeza de que foi acidente: jovens são descuidados, ela deve ter deixado escapar uma palavra ou insinuado algo. Ainda não sei qual foi: aqui no mundo das sombras elas sempre andam em grupo, e quando me aproximo, fogem. Elas me evitam como se eu lhes houvesse feito um mal terrível. Mas eu nunca as machucaria por iniciativa própria.

O fato de meu segredo ter sido traído foi, em última análise, culpa minha. Pedi a minhas doze jovens escravas — as mais belas e sedutoras — que convivessem com os pretendentes e os espionassem, valendo-se de todos os artifícios que conseguissem devisar. Ninguém sabia dessas instruções, exceto as escravas e eu. Preferi não compartilhar o segredo com Euricléia — em retrospectiva, vejo que foi um erro grave.

O plano foi um fracasso. Os pretendentes violentaram várias moças e seduziram outras, ou as pressionaram tanto que elas concluíram ser melhor ceder que resistir.

Não era anormal que convidados de uma casa rica ou palácio deitassem com as escravas. Considerava-se providenciar uma noite agradável parte da boa hospitalidade, e um anfitrião generoso poderia oferecer aos convidados as melhores moças — mas que os escravos fossem usados dessa maneira sem permissão do dono da casa era totalmente irregular. Um ato assim equivalia a furto.

Contudo, não havia dono da casa presente. Portanto, os pretendentes pegaram as escravas assim como pegaram carneiros, porcos, cabras e vacas. Provavelmente pensavam que não era nada.

Consolei as moças o quanto pude. Elas se sentiam culpadas, e as que haviam sido violentadas precisavam de tratamento e cuidados especiais. Entreguei a tarefa a Euricléia, que amaldiçoou os pretendentes malignos,

deu banho nas escravas e as massageou com meu azeite de oliva perfumado, como dádiva especial. Resmungou um pouco ao fazer isso. Provavelmente enciumada por minha afeição pelas moças. Disse que eu as mimava muito, e que criariam expectativas além de suas possibilidades.

“Vamos prosseguir”, falei a elas. “Vocês devem fingir paixão por esses homens. Se acharem que vocês passaram para o lado deles, confiarão em vocês e descobriremos seus planos. É um jeito de vocês servirem a seu senhor, e ele se mostrará muito grato quando retornar.” Isso fez com que se sentissem melhor.

Cheguei a ponto de instruí-las a dizer palavras rudes e desrespeitosas a meu respeito, e sobre Telêmaco e Odisseu também, para reforçar a ilusão. Elas se dedicaram ao projeto de coração. Melanto, a de belas faces, especializou-se nisso, e se divertia muito imaginando comentários insolentes. Dá certo gosto poder combinar obediência e desobediência no mesmo ato.

Não que o esquema fosse de todo ilusório. Algumas ficaram mesmo apaixonadas pelos homens que as usavam com tanta crueldade. Suponho que seja inevitável. Elas pensavam que eu não percebia o que estava acontecendo, mas eu percebia, sim. Perdoei-as, porém. Eram jovens inexperientes, e poucas escravas de Ítaca podiam se gabar de serem amantes de um jovem da nobreza.

Mas, com amor ou sem amor, com escapadas à meia-noite ou não, elas continuavam a me passar as informações obtidas.

Ingenuamente, eu me considerava muito sábia. Em retrospectiva, vejo que minhas atitudes foram irresponsáveis, pois causaram sofrimento. Meu tempo se esgotava rapidamente, eu estava desesperada e precisava usar todos os estratagemas e artifícios disponíveis.

Quando descobriram o truque da mortalha, os pretendentes invadiram meus aposentos durante a noite e me flagraram ao tear. Estavam furiosos, ainda mais por terem sido logrados por uma mulher, e promoveram um terrível escândalo. Fui colocada na defensiva. Tive de prometer que

terminaria a mortalha o mais rápido possível, e depois disso escolheria um deles para marido.

A mortalha em si ganhou fama instantânea. “A teia de Penélope”, diziam, referindo-se à tarefa que misteriosamente jamais terminava. Eu não gostava do termo teia. Se a mortalha fosse uma teia, então eu era a aranha. Mas não andei tentando pegar homens como se fossem moscas: pelo contrário, tentava evitar que me prendessem numa armadilha.

Sonhos ruins

Então começou a pior parte de minha provação. Chorei a ponto de imaginar que me transformaria num regato ou numa fonte, como nos contos antigos. Por mais que eu orasse e oferecesse sacrifícios, ou esperasse presságios, meu marido não voltava. Para completar minha desgraça, Telêmaco chegou à idade de começar a dar ordens. Eu havia comandado o palácio sozinha durante vinte anos, mas ele agora queria afirmar sua autoridade como filho de Odisseu e assumir as rédeas. Começou a fazer cenas no salão, enfrentando os pretendentes de modo direto, o que em minha opinião provocaria seu assassinato. Ele ia acabar embarcando em alguma aventura irresponsável, como os jovens sempre fazem.

Dito e feito; ele pegou um navio sorrateiramente e saiu em busca de notícias do pai, sem nem mesmo me consultar. Senti-me terrivelmente insultada, mas não podia perder tempo com isso, pois minhas escravas favoritas informaram que os pretendentes, ao saber da ousada fuga de meu filho, pretendiam enviar um navio leal a eles para aguardar seu retorno e armar uma emboscada para matá-lo na volta.

É verdade que o arauto Medon também revelou o plano, conforme consta nas canções. Mas eu já sabia de tudo, graças às escravas. Precisava demonstrar surpresa, todavia, caso contrário Medon — que não apoiava nem um lado nem outro — perceberia que eu tinha outras fontes de informação.

Bem, naturalmente cambaleei, caí na soleira da porta, gritei e chorei. Todas as escravas — minhas doze favoritas e o restante — uniram-se no lamento. Censurei-as por não me avisarem da partida de meu filho e por não impedirem sua viagem, até que Euricléia, a velha intrometida, confessou que o incitara e ajudara sozinha, secretamente. A única razão para os dois não me contarem nada, explicou, fora me poupar preocupações. Tudo daria certo no final, ela acrescentou, pois os deuses eram justos.

Evitei argumentar que as provas disso eram raras até então.

Quando as coisas ficam tão ruins, e depois de ter chorado o máximo possível sem me transformar numa poça, sempre — felizmente — consigo dormir. Quando durmo, sonho. Tive uma série de sonhos naquela noite, sonhos que não foram registrados, pois nunca os relatei a uma alma viva. Num deles, os ciclopes esmagavam a cabeça de Odisseu para comer seu cérebro; em outro, ele pulava do navio para a água e nadava na direção das sereias, que cantavam maviosamente, como minhas escravas, mas já estendiam as garras para estraçalhá-lo. Em outro sonho ele fazia amor com uma linda deusa e gostava muito. A deusa transformou-se em Helena; ela me olhava por cima do ombro desnudo de meu marido com um sorriso malicioso. Este último foi um pesadelo tão medonho que me acordou, e eu rezei para que fosse um sonho falso enviado da caverna de Morfeu pelo portão de marfim, e não um sonho verdadeiro, enviado pelo portão de chifre.

Voltei a dormir, e finalmente tive um sonho reconfortante. Este revelei, talvez o conheçam. Minha irmã Ifitma — bem mais velha do que eu, mal a conheci, pois se casara e mudara para longe — entrou em meu quarto e parou ao lado de minha cama, dizendo que fora enviada pela própria Atena, pois os deuses não queriam meu sofrimento. Sua mensagem era que Telêmaco retornaria em segurança.

Depois indaguei a respeito de Odisseu — ainda vivia ou não? —, mas ela se recusou a responder e foi embora.

Até parece que os deuses não queriam meu sofrimento. Todos eles zombam de nós. Eu poderia muito bem ser um cão vadio, atacado com pedras, ou com a cauda em chamas, para diverti-los. Não é a carne e a gordura dos animais que eles gostam de saborear, e sim o nosso penar.

Coro:
Delícias, uma balada

*Nosso único descanso, o sono;
Só então encontramos a paz:
Não precisamos limpar o chão
Nem do piso a gordura tirar.*

*Não somos caçadas no salão
Nem jogadas no solo encardido
Por qualquer nobre cretino
Que quer levantar uma saia.*

*Quando dormimos queremos sonhar;
Sonhamos que estamos no mar,
Singramos as ondas em barcos dourados,
Tão livres, tão lindas, tão limpas.*

*Nos sonhos todas nós somos belas
Em vestidos vermelhos rodados;
Dormimos com os homens que amamos,
E os enchemos de beijos gostosos.*

*Eles preenchem nossos dias com farra,
Nós alegamos suas noites com sons,
Chamamos os homens a nossos barcos dourados
E navegamos até o ano acabar.*

*E tudo são beijos e abraços,
Não há lágrimas de dor;
Nossas ordens são amorosas
Em todo o reino do amor.*

*Mas a manhã nos acorda,
Novamente trabalhamos, escravas,
E levantamos as saias se mandam,
A qualquer patife ou safado.*

Notícias de Helena

Telêmaco escapou da emboscada preparada contra ele, mais por sorte do que por astúcia, chegando em casa são e salvo. Recebi meu filho com lágrimas de alegria, assim como as escravas. Lamento dizer que depois meu único filho e eu discutimos asperamente.

“Você tem cérebro de salamandra!”, falei, com raiva. “Como ousou pegar uma nau e partir assim, sem nem pedir permissão? Você é pouco mais que uma criança! Não tem experiência em comandar navios! Poderia ter sido morto cinqüenta vezes, e o que seu pai diria quando voltasse para casa? Claro, a culpa seria toda minha, por não ter tomado conta de você direito!” E assim por diante.

Não foi a abordagem correta. Telêmaco respondeu de modo altivo e sério. Alegou não ser mais criança e proclamou sua maturidade. Voltara, provando sem sombra de dúvida que sabia o que estava fazendo. Depois desafiou minha autoridade materna ao dizer que não precisava de permissão de ninguém para pegar um barco que seria provavelmente parte de sua herança, e que se lhe restasse alguma herança não seria graças a mim, pois eu não soubera defendê-la e agora os pretendentes a dilapidavam. E disse que tomara a decisão correta — procurar o pai, pois pelo jeito ninguém pretendia erguer um dedo sequer nesse sentido. Argumentou que o pai sentiria orgulho dele pela demonstração de valentia, por sair da barra da saia das mulheres, que como sempre eram excessivamente emotivas e não mostravam capacidade de julgamento e raciocínio.

Ao dizer “mulheres”, referia-se a mim. Como ousava chamar sua própria mãe de “mulheres”?

O que me restava a fazer senão debulhar-me em lágrimas?

Embarquei então no discurso do então-é-isso-que-eu-recebo-como-agradecimento, você-não-faz-idéia-do-que-tenho-passado-por-sua-causa, nenhuma-mulher-deveria-ser-obrigada-a-enfrentar-um-sofrimento-desses, eu-preferia-me-matar-a-passar-por-tudo-isso. No entanto, creio que ele já tinha ouvido algo assim antes, pois demonstrou com braços cruzados e olhos virados para cima que estava irritado e que não via a hora de o discurso terminar.

Em seguida, nos acalmamos. Telêmaco tomou um belo banho preparado pelas escravas. Elas o esfregaram para valer, providenciaram roupas limpas e fizeram um magnífico jantar para ele e alguns amigos convidados — Pireu e Teoclímeno eram seus nomes. Pireu era de Ítaca e cúmplice de meu filho na viagem secreta. Decidi ter uma conversa com ele depois, e falar com seus pais, que o deixavam largado. Teoclímeno era estranho. Aparentava bons modos, mas eu pretendia descobrir algo a respeito de seus ancestrais, pois rapazes da idade de Telêmaco se envolvem facilmente com más companhias.

Telêmaco devorou a comida e entornou o vinho, enquanto eu me censurava por não ter conseguido lhe ensinar bons modos à mesa. Mas ninguém podia dizer que eu não tentara. Porém, sempre que eu o censurava, a velha Euricléia se intrometia. “Calma, minha pequena, deixe que ele desfrute o jantar, terá todo o tempo do mundo para aprender boas maneiras quando crescer.” E outros comentários do mesmo calibre.

“É de pequeno que se torce o pepino”, eu respondia.

“Exatamente!”, ela cacarejava. “Você não quer torcer este pequeno pepino, não é? Nem pensar. Queremos que ele cresça muito, fique bem alto, e aproveite ao máximo o sabor e a suculência desse belo naco de carne, sem que sua mãe rabugenta o atormente tanto!”

As escravas riam nessa hora e enchiam-lhe o prato, dizendo que ele era um menino muito bonito.

Infelizmente, ele era muito mimado.

Quando os três jovens terminaram de comer, perguntei sobre a viagem. Telêmaco descobrira algo a respeito do paradeiro de Odisseu, objetivo de sua excursão? E, se sabia de algo, poderia fazer a gentileza de compartilhar as informações comigo?

Dá para perceber que eu ainda estava magoada. É difícil perder uma discussão com o filho adolescente. Quando eles ficam mais altos que a gente só nos resta a autoridade moral: uma arma fraca, no máximo.

O que Telêmaco disse em seguida me surpreendeu. Após visitar o rei Nestor, que não soubera informar nada, estivera com Menelau. Com Menelau em pessoa. Com Menelau, o rico, Menelau o cabeça-dura, Menelau de voz potente, Menelau o cornudo. Menelau, marido de Helena — de minha prima Helena, a adorável, Helena, a vadia descarada, culpada por meu infortúnio.

“E você viu Helena?”, perguntei, com voz sumida.

“Claro que sim”, ele disse. “Ela nos serviu um ótimo jantar.” E depois passou a desfiar um palavrório incoerente sobre o Ancião do Mar, e como Menelau soubera por meio desse senhor de aparência duvidosa que Odisseu encontrava-se preso na ilha de uma linda deusa, onde era obrigado a fazer amor com ela a noite inteira, todas as noites.

Naquela altura eu já tinha ouvido histórias demais de lindas deusas. “E como vai Helena?”, perguntei.

“Muito bem, pelo jeito”, Telêmaco respondeu. “Todos contaram histórias sobre a Guerra de Tróia, relatos magníficos, com muitas lutas e combates e entranhas expostas — meu pai participou —, mas quando os veteranos começaram a falar, Helena drogou o vinho e rimos a valer.”

“Não”, retruquei, “quero dizer como ela estava em termos de *aparência*.”

“Radiante como a dourada Afrodite”, ele disse. “É realmente impressionante vê-la. Quer dizer, sendo ela tão famosa, parte da história e

tudo mais. Ela é tudo que dizem a seu respeito.” Ele sorriu, enlevado.

“Mas ela deve estar bem mais *velha*, a esta altura”, falei com a voz mais calma possível. Impossível que ainda estivesse radiante como a dourada Afrodite! Seria uma afronta à natureza!

“Entendi”, disse meu filho. E o vínculo que dizem existir entre mães e filhos órfãos de pai finalmente prevaleceu. Telêmaco olhou para meu rosto e compreendeu minha expressão. “Na verdade, parecia muito velha”, ele disse. “Bem mais velha do que você. Enrugada, gasta”, acrescentou. “Como um cogumelo seco. Seus dentes amarelaram. Alguns caíram. Só depois que bebemos muito ela ficou bonita.”

Eu sabia que ele estava mentindo, mas fiquei comovida por mentir para me agradar. Aquele sem dúvida era o bisneto de Autólico, amigo de Hermes, o grande ardiloso, e filho do astuto Odisseu, de voz agradável, pródigo em estratagemas, inventor de mentiras, capaz de persuadir qualquer homem e iludir qualquer mulher. Talvez tivesse um pouco de cérebro, afinal de contas. “Obrigado pelas notícias, meu filho”, falei. “Sou muito grata. Agora farei como oferenda um cesto de trigo, enquanto rezo pelo retorno de seu pai em segurança.”

E foi o que fiz.

Grito de alegria

Quem disse que as preces surtem algum efeito? Por outro lado, quem pode garantir que não? Imagino os deuses, flanando no Olimpo, sorvendo néctar e ambrosia, desfrutando os aromas de ossos e gordura queimados, maliciosos como um grupo de meninos de dez anos que pegou um gato doente para brincar e com tempo de sobra para desperdiçar. “Atenderemos a que preces, hoje?”, um pergunta a outro. “Vamos jogar dados! Esperança para este, desespero para aquele, e enquanto isso vamos destruir a vida daquela mulher ali, assumindo a forma de uma lagosta para fazer amor com ela!” Creio que boa parte das gracinhas deles se deve ao tédio.

Vinte anos de preces minhas sem resposta. Mas, finalmente, uma delas foi atendida. Algum tempo depois de eu realizar o ritual familiar e derramar lágrimas familiares, Odisseu em pessoa chegou ao palácio cambaleando.

Cambaleiar fazia parte do disfarce, naturalmente. Eu não esperaria outra coisa da parte dele. Evidentemente, ele avaliara a situação no palácio — os pretendentes a dilapidar seu patrimônio, suas intenções assassinas em relação a Telêmaco, os serviços sexuais forçados das escravas e o avanço em cima de sua esposa — e sabiamente concluiu que não deveria entrar simplesmente, anunciando que era Odisseu e ordenava a retirada de todos do recinto. Se tentasse, seria um homem morto em questão de minutos.

Por isso ele se vestia como um velho mendigo. Podia contar com o fato de a maioria dos pretendentes ignorar sua aparência, pois eram pequenos demais ou nem haviam nascido quando ele zarpou. Seu disfarce era bem-

feito — eu esperava que as rugas e a cabeça calva fossem parte do ardil, e não reais —, mas assim que vi o peito amplo e as pernas curtas comecei a suspeitar, e essa desconfiança tornou-se em certeza quando ouvi dizer que ele quebrara o pescoço de um companheiro mendigo hostil. Típico de seu estilo: sorrateiro quando necessário, admito, mas nunca contra o método do ataque direto quando achava que podia vencer.

Não mostrei que sabia. Teria sido perigoso para ele. Além disso, se um sujeito se orgulha de sua capacidade de disfarce, seria tolice da esposa alegar que o reconhecia: é sempre uma temeridade colocar-se entre um homem e o reflexo de sua esperteza.

Telêmaco participava da trama, logo vi. Era por natureza um velhaco astucioso como o pai, mas ainda não aprimorara seu estilo. Quando apresentou o suposto mendigo a mim, os olhares de esguelha, os pés inquietos e a gagueira o denunciaram.

Essa apresentação só ocorreu mais tarde. Odisseu dedicou as primeiras horas no palácio a bisbilhotar e sofrer na mão dos pretendentes, que o insultavam e atormentavam, atirando nele objetos. Infelizmente eu não podia contar a minhas doze escravas quem ele realmente era, por isso seguiram maltratando Telêmaco, e uniram-se aos pretendentes nas ofensas. Melanto, a de belas faces, mostrou-se especialmente ferina, eu soube. Decidi interferir pessoalmente no momento apropriado, e informar a Odisseu que as moças agiam assim por ordem minha.

Quando caiu a noite, providenciei um encontro com o suposto mendigo no salão deserto. Ele alegava ter notícias de Odisseu. Contou uma história plausível e assegurou que Odisseu em breve retornaria. Chorando, argumentei que não era bem assim, que os viajantes chegavam com relatos parecidos havia anos. Descrevi detalhadamente meus penares e a saudade que sentia de meu marido — melhor que ele escutasse tudo fantasiado de vagabundo, pois estaria mais inclinado a acreditar.

Em seguida pedi conselhos a ele, para lisonjeá-lo. Estava decidida — falei — a pegar o arco de Odisseu, com o qual ele atirara uma flecha que

atravessara os cabos circulares de doze machados — um feito impressionante —, e desafiar os pretendentes a repetir a proeza, oferecendo minha mão como prêmio. Sem dúvida isso poria um fim à situação intolerável em que eu me encontrava, de um jeito ou de outro. O que ele pensava do plano?

Ele disse que era uma excelente idéia.

As canções alegam que a chegada de Odisseu e minha decisão de fazer o teste com o arco e os machados coincidiram acidentalmente — ou por desígnio divino, que era nossa maneira de dizer a mesma coisa, naquela época. Agora proclamo a verdade. Eu sabia que só Odisseu seria capaz de tal façanha com o arco. Sabia que o mendigo era Odisseu. Não houve coincidência. Preparei tudo de propósito.

Cada vez mais confiante no suposto mendigo andrajoso, contei-lhe um sonho que tivera. Referia-se a meu bando de lindos gansos brancos, dos quais eu gostava muito. Sonhei que bicavam contentes no quintal quando uma águia enorme de bico recurvado mergulhou do alto e os matou. Então chorei sem parar.

Odisseu, disfarçado de mendigo, interpretou o sonho para mim: a águia era meu marido, os gansos eram os pretendentes, e o primeiro em breve mataria os outros. Não comentou o bico recurvado da águia, nem meu amor pelos gansos, nem minha angústia por sua morte.

No final das contas, Odisseu estava errado a respeito do sonho. Ele era a águia, realmente, mas os gansos não eram os pretendentes. Os gansos eram minhas doze escravas, como eu logo descobriria, para meu infinito sofrimento.

Nas canções há um detalhe muito destacado. Eu ordenei que as escravas lavassem os pés de Odisseu, o mendigo, mas ele se recusou, dizendo que só poderia permitir que seus pés fossem lavados por alguém que não o ridicularizaria por ser pobre e enrugado. Sugeri Euricléia para a tarefa, uma mulher idosa cujos pés equivaliam aos dele em termos de valor estético. Resmungando, ela obedeceu à ordem, sem suspeitar que eu lhe preparara

uma armadilha. Logo ela encontrou a cicatriz comprida, muito familiar, pois lavara incontáveis vezes os pés de Odisseu. Ao vê-la emitiu um grito de alegria e derramou a água da bacia no chão. Odisseu quase a esganou para impedir que divulgasse o segredo.

As canções dizem que não percebi nada, pois Atena desviara minha atenção. Quem acreditar nisso acredita em qualquer absurdo. Na verdade, dei as costas aos dois para disfarçar meu riso silencioso, provocado pelo êxito de meu stratagem.

Calúnias perigosas

A esta altura devo comentar diversas calúnias perigosas que circularam nos últimos dois ou três mil anos. São histórias totalmente inverídicas. Muitos afirmam que onde há fumaça, há fogo, mas trata-se de um argumento insensato. Todos já ouvimos rumores que se provaram totalmente falsos, e foi o que aconteceu com certas alegações a meu respeito.

As acusações dizem respeito a minha conduta sexual. Alegam, por exemplo, que dormi com Anfínomo, o mais bem-educado dos pretendentes. As canções dizem que eu apreciava sua conversa, pois ele era mais agradável que os outros, com o que concordo; mas há uma grande distância entre isso e ir para a cama. Também admito que alimentei esperanças dos pretendentes e fiz promessas a alguns em particular, mas era uma questão de tática. Entre outras coisas, usei meu suposto encorajamento para conseguir presentes caros da parte deles — uma retribuição irrisória por tudo que comeram e estragaram —, e chamo a atenção para o fato de o próprio Odisseu ter testemunhado e aprovado minhas atitudes.

Nas versões mais infamantes consta que eu me teria deitado com todos os pretendentes, um após outro — mais de uma centena —, e dado à luz o grande deus Pã. Quem poderia acreditar num relato tão monstruoso? Certas canções não valem o ar gasto para entoá-las.

Vários comentadores citaram minha sogra Anticléia, que não mencionou os pretendentes quando Odisseu falou com o espírito dela na Ilha dos Mortos. Seu silêncio foi usado como prova: se mencionasse os pretendentes,

sustentam, teria de citar também minha infidelidade. Talvez ela pensasse em semear suspeitas malignas na mente de Odisseu, mas a antipatia dela por mim já é de conhecimento geral. Teria sido seu toque ácido final.

Outros notaram o fato de eu não ter punido ou expulsado as doze escravas indecorosas, pois eu também teria indulgido no mesmo tipo de sordidez. Mas isso eu já esclareci.

Uma acusação mais séria sustenta que Odisseu não se revelou a mim, quando retornou, por desconfiança. Dizem que queria ter certeza primeiro de que eu não promovia orgias no palácio. Mas a verdadeira razão foi evitar que eu derramasse lágrimas de contentamento e traísse sua presença. Pelo mesmo motivo ele me trancou nos aposentos femininos com as outras mulheres, quando exterminava os pretendentes, e apelou para o auxílio de Euricléia, e não o meu. Mas ele me conhecia bem — eu tinha o coração mole, costumava me debulhar em lágrimas e me atirar ao chão em desespero. Ele simplesmente não queria me expor a perigos e a cenas desagradáveis. Sem dúvida essa é a explicação óbvia para seu comportamento.

Se meu esposo ouvisse essas maledicências em vida certamente teria arrancado algumas línguas. Mas não adianta chorar sobre o leite derramado.

Coro:
Os perigos de Penélope,
um drama

Apresentado pelas escravas

Prólogo: Recitado por Melanto, a de lindas faces

*Quando nos aproximamos do clímax, em dor e sangue,
Vamos dizer apenas: Esse aí é um outro lance.
Ou vários, como convém a nossa deusa Rumor,
Que pode estar de bom ou de mau humor.
Comentam por aí que Penélope, a puritana
Era — quando se tratava de sexo — bela sacana!
Alguns afirmam que andava dormindo com Anfínomo,
Enquanto fingia dor com choro e muitos gemidos;
Outros, que cada um dos rudes pretendentes
Teve sua bela chance de se deitar com ela,
E o resultado de tantos atos promíscuos,
Diz a lenda, foi o nascimento de Pã, o deus.
A verdade, senhores ouvintes, nunca é certa —
Vamos espiar atrás da cortina!*

Euricléia: Interpretada por uma escrava:

*Minha pequena querida! Agora está perdida! Que pena!
O Senhor retornou! Isso mesmo — ele voltou!*

Penélope: Interpretada por uma escrava:

*Eu o reconheci quando chegou caminhando, de longe,
Pelas pernas curtas...*

Euricléia:

E eu pela longa cicatriz!

Penélope:

*E agora, cara ama, a banha está no fogo —
Ele me matará por satisfazer meu desejo!
Enquanto ele se divertia com ninfas e beldades,
Pensava que eu não faria nada além do dever?
Enquanto ele satisfazia moças e deusas à vontade,
Imaginava que eu ia secar quieta, feito uma passa?*

Euricléia:

*Enquanto você alegava tecer uma mortalha,
Na verdade, divertia-se na cama!
E agora temos motivo para cortar sua cabeça!*

Penélope:

*Anfínomo — rápido! Fuja pela escada secreta!
Ficarei aqui, fingindo imensa dor e preocupação.
Passe meu vestido! Prenda meu cabelo devasso!
Quais das escravas estão a par de meus amores?*

Euricléia:

*Só doze, minha senhora, que ajudavam,
Sabem que a senhora não resistiu aos avanços
Dos pretendentes. Elas recebiam os amantes
Todas as noites. Conheciam os truques
E deixavam a luz acesa — sabem de todos
Os seus pecados e devem morrer, ou falarão!*

Penélope:

*Ah, cara ama, então fica por sua conta
Me salvar, e também a honra de Odisseu!
Pois ele sugou seu seio agora murcho,
E só em você, de todas nós, ele confia.
Acuse as escravas de libertinas e desleais,
Apanhadas pelos pretendentes como indevidas presas,
Conspurcadas, vergonhosas, inadequadas
Para servir a um senhor magnífico como ele!*

Euricléia:

*Vamos calar-lhes as bocas, mandá-las ao Hades —
Ele as tratará como vigaristas que são!*

Penélope:

*E eu mantereí minha fama de esposa honesta —
Todos os maridos olharão para ele, o bem-sucedido!
Mas vá logo — os pretendentes chegam para fazer a corte,
E eu preciso estar pronta para recebê-los.*

O Coro, com sapatos para sapatear:

*Culpa das escravas!
Aqueles pequenas safadas!*

*Enforquem todas sem perguntar nada —
É tudo culpa das escravas!*

*Ponham a culpa nas escravas!
Brinquedo de jovens grosseiros!
Elas que morram enforcadas —
É tudo culpa das escravas!*

*Ponham a culpa nas vadias!
Aquelas porcas fogosas!
A sujeira está nas saias —
É tudo culpa das vadias!*

Todas fazem uma mesura.

Helena toma banho

Eu passeava pelos campos de asfódelo, lembrando os tempos passados, quando vi Helena saracoteando na minha direção. Vinha acompanhada pela costureira horda de fantasmas masculinos, todos ansiosos por suas atenções. Ela nem sequer olhava para eles, embora evidentemente tivesse plena consciência de sua presença. Como se possuísse uma antena especial que vibrasse com o mero odor masculino.

“Oi, prima patinha”, ela disse com seu tom condescendente habitual. “Estava pensando em tomar um banho. Quer me acompanhar?”

“Somos espíritos agora, Helena”, retruquei, tentando abrir um sorriso. “Espíritos não possuem corpo. Não precisam tomar banho.”

“Claro, mas minha razão para tomar banho sempre foi espiritual”, disse Helena, arregalando seus olhos adoráveis. “Serve para me acalmar, no meio da confusão. Você não faz idéia do quanto é cansativo ter sempre um grande número de homens a disputá-la, ano após ano. A beleza divina é um fardo terrível. Pelo menos você foi poupada!”

Ignorei a maldade. “Vai tirar seu vestido espiritual?”, perguntei.

“Todos conhecemos bem seu legendário recato, Penélope”, ela retrucou. “Tenho certeza de que se algum dia você tomasse banho, permaneceria vestida, como suponho que fazia em vida. Infelizmente” — ela sorriu — “o recato não constava entre os presentes que recebi de Afrodite, amante do riso. Prefiro o banho despida, mesmo em espírito.”

“Isso explica o inusitadamente grande número de espectadores atraídos por você”, falei, irritada.

“Acha inusitadamente grande?”, ela perguntou, erguendo uma sobrancelha inocente. “Sempre houve esses bandos de homens. Nunca os conto. Creio que devo a eles algo como retribuição, uma vez que muitos morreram por mim — ou por minha causa.”

“Pelo menos uma espiada no que perderam na terra”, falei.

“O desejo não morre com o corpo”, disse Helena. “Só a capacidade de satisfazê-lo. E uma espiada os anima bastante, pobres coitados.”

“Dá a eles uma razão para viver”, falei.

“Bancando a engraçadinha?”, disse Helena. “Antes tarde do que nunca.”

“Melhor meu humor do que seu espetáculo de nádegas e seios para os mortos”, retruquei.

“Você é muito cínica”, disse Helena. “Só porque não pode fazer isso não precisa ser tão negativa. E tão vulgar! Algumas pessoas são generosas. Gostamos de ajudar os menos afortunados.”

“Assim você lava o sangue deles de suas mãos”, falei. “Em linguagem figurada, claro. Compensa as pilhas de cadáveres mutilados. Eu não me dei conta de que você era capaz de sentir culpa.”

Sua contrariedade era evidente. Franziu a testa de leve. “Diga-me, patinha, quantos homens Odisseu assassinou por sua causa?”

“Um bocado”, respondi. Ela sabia o número exato: havia muito comprovado que o total era ridículo em comparação com as pirâmides de cadáveres em sua porta.

“Depende do que você chama de um bocado”, disse Helena. “Mas tudo bem. Aposto que você se sente mais importante por causa disso. Talvez se considere até mais bonita.” Ela sorriu de leve, só com a boca. “Bem, preciso ir, patinha. Vejo você por aí. Divirta-se com os asfódelos.” E afastou-se, seguida por seu séquito excitado.

Odisseu e Telêmaco matam as escravas

Dormi durante o tumulto. Como pude fazer uma coisa dessas? Desconfio que Euricléia acrescentou algo à reconfortante bebida que me ofereceu, para me tirar de cena e evitar minha interferência. Não que eu pudesse ter participado do ataque: Odisseu trancou todas as mulheres na ala feminina.

Euricléia descreveu o episódio inteiro para mim e quem mais quisesse ouvir. Primeiro, disse, Odisseu — ainda disfarçado de mendigo — observou Telêmaco preparar os doze machados, e os pretendentes falharem na tentativa de vergar seu famoso arco. Depois ele mesmo pegou o arco, e depois de vergá-lo e lançar uma flecha através dos doze machados — ganhando minha mão pela segunda vez —, acertou Antino na garganta. Removendo o disfarce, chacinou todos os outros pretendentes, primeiro com flechadas, depois a golpes de lança e espada. Telêmaco e dois pastores leais o ajudaram; de todo modo, foi uma grande façanha. Os pretendentes conseguiram algumas armas, fornecidas por Melântio, o cabreiro traidor, mas elas não evitaram o trágico desfecho.

Euricléia relatou como ela e outras mulheres se aglomeraram atrás da porta trancada para ouvir os gritos, ruídos de batalha e gemidos dos moribundos. Então, ela descreveu o horror seguinte.

Odisseu a convocou e ordenou que apontasse as escravas que haviam sido “desleais”, em suas palavras. Ele forçou as moças a levar os cadáveres dos

pretendentes para o pátio — inclusive os corpos de seus ex-amantes — e lavar os restos de carne e sangue do chão, além de limpar as mesas e cadeiras que restaram intactas.

Em seguida mandou que Telêmaco esquartejasse as escravas com a espada. Mas meu filho, querendo se afirmar perante o pai e mostrar que era mais rigoroso — coisas da idade —, enforcou todas em seqüência, utilizando uma corda grossa de navio.

Logo depois disso, relatou Euricléia — que não conseguia disfarçar seu regozijo —, Odisseu e Telêmaco arrancaram orelhas, nariz, mãos, pés e órgãos genitais de Melântio, o perverso cabreiro, e os jogaram aos cães, sem dar atenção a seus gritos agoniados. “Era preciso que ele servisse de exemplo”, disse Euricléia, “para desencorajar qualquer traição posterior.”

“Mas, quais foram as escravas?”, perguntei, e as lágrimas escorreram. “Pelos deuses — quais foram as escravas enforcadas?”

“Minha senhora, minha pequena”, disse Euricléia, antecipando minha contrariedade, “ele queria matar todas elas! Eu precisava escolher algumas — caso contrário, todas pereceriam!”

“Quais foram?”, indaguei, lutando para controlar minhas emoções.

“Só doze”, ela gaguejou. “As impertinentes. As que foram rudes e desleais. As que erguiam o nariz para mim. Melanto, a das belas faces, e suas amigas. A turma. Elas eram todas cadelas descaradas.”

“As que foram violentadas”, falei. “As mais jovens. As mais belas.” Meus olhos e ouvidos entre os pretendentes, mas isso eu não falei. Minhas ajudantes durante as longas noites com a mortalha. Meus alvos gansos. Minhas pombinhas, meus tordos.

A culpa foi minha. Eu não havia revelado o esquema a Euricléia.

“Elas perderam a cabeça”, Euricléia disse, na defensiva. “O rei Odisseu não poderia permitir que moças impertinentes como elas continuassem a servir no palácio. Jamais poderia confiar nelas. Agora vamos descer, minha pequena. Seu marido a aguarda.”

O que eu poderia fazer? Lamentos não trariam minhas moças queridas de volta à vida. Mordi a língua. Um espanto que ainda me restasse alguma língua, eu a mordida assim havia anos.

A morte é a morte, consolei-me. Diria preces e faria sacrifícios por suas almas. Mas teria de fazer isso em segredo, ou Odisseu suspeitaria de mim também.

Podia haver uma explicação mais sinistra — e se Euricléia soubesse de meu acordo com as escravas, para espionarem os pretendentes para mim, e conhecesse as ordens que eu dera para se rebelarem? E se ela as tivesse escolhido para morrer por ressentimento de ter sido excluída e desejo de reforçar sua posição privilegiada perante Odisseu?

Não pude confrontá-la aqui no reino das sombras a esse respeito. Ela arranhou doze bebês mortos e está sempre ocupada, cuidando deles. Sorte de Euricléia que jamais crescerão. Sempre que me aproximo e tento puxar conversa ela diz: “Mais tarde, minha pequena. Querida, estou ocupada! Veja como são umas gugracinhas — a gogue ugue gu!”.

Jamais saberei, portanto.

Coro: Uma aula de antropologia

Apresentada pelas escravas

O que nosso número, o número de escravas — o número doze — sugere às mentes instruídas? Há doze apóstolos, doze dias de férias no Natal, sim, e doze meses. E o que a palavra *mês* sugere às mentes instruídas? Sim, o senhor, lá no fundo? Correto! *Mês* designa as fases da lua, como todos sabem. Não há coincidência, não há coincidência alguma em que sejamos doze, e não onze ou treze, nem as oito escravas a ordenhar do conto popular!

Pois não éramos simplesmente escravas. Não éramos meras serviçais ou braçais. Claro que não! Sem dúvida tínhamos funções mais importantes que essas. Poderíamos ser as doze virgens, em vez de as doze escravas? As doze virgens selenes, companheiras de Ártemis, a deusa da lua, virginal e mortífera? Poderíamos ser sacrifícios rituais, sacerdotisas devotas que cumpriram seu papel, primeiro entregando-nos aos ritos da fertilidade orgiásticos com os pretendentes, depois ao nos purificarmos, quando nos lavamos no sangue das vítimas masculinas abatidas — uma pilha enorme, grande honra para nossa deusa — e renovarmos nossa virgindade, assim como Ártemis renovou a dela ao se banhar numa fonte tingida pelo sangue de Actéon? Nesse caso, teríamos de bom grado nos sacrificado, como seria

necessário, reencenando a fase da lua nova, de modo que o ciclo inteiro se renovasse e a deusa da lua crescente surgisse outra vez? Por que todo o crédito do altruísmo e da devoção deve ir para Ifigênia, e não para nós?

A consideração dos eventos em questão se amarra — pedimos desculpas pelo jogo de palavras — com a corda de navio com a qual nos penduraram, pois a lua crescente é um barco. E temos o arco, tão importante no relato — o arco de Ártemis, em forma de lua, usado para disparar uma flecha através das doze cabeças de machado — doze! A flecha passou através dos orifícios nos cabos, dos orifícios redondos como a luz cheia! E o enforcamento propriamente dito — pensem, mentes instruídas, no significado do enforcamento! Acima da terra, soltas no ar, ligadas ao mar governado pela lua por uma corda umbilical ligada a um navio — ora, os indícios são abundantes, não dá para ignorar!

Como, senhor? Sim, aí no fundo? Claro, correto, o número de meses lunares é realmente treze, portanto deveria haver treze de nós. Portanto, o senhor alega — presunçosamente, podemos acrescentar — que a teoria a nosso respeito é incorreta, uma vez que somos só doze. Mas, espere — na verdade, há treze! A décima terceira é nossa Suprema Sacerdotisa, a encarnação da própria Ártemis. Sim, ela era nada mais nada menos que a rainha Penélope.

Portanto, provavelmente nosso estupro e subsequente enforcamento representa a destruição do culto matrilinear da lua, por parte de um grupo de bárbaros usurpadores patriarcais que defendem um deus-pai. O chefe deles, Odisseu, reclamaria a coroa ao se casar com a Suprema Sacerdotisa de nosso culto, ou seja, Penélope.

Senhor, negamos que esta teoria seja apenas um delírio feminista sem fundamento. Compreendemos sua relutância ao ver tais fatos escancarados — estupro e assassinato não são assuntos agradáveis —, mas golpes assim certamente ocorreram por toda a região mediterrânea, como as escavações em sítios arqueológicos demonstraram de forma repetida.

Sem dúvida os machados, que significativamente não foram usados como armas na matança, significativamente não receberam explicação satisfatória em três mil anos de comentários — sem dúvida eram os machados rituais de duas lâminas associados ao culto da Grande Mãe entre os minóicos, os machados usados para decepar a cabeça do Rei Anual, ao final de seu reinado de treze meses lunares! Pois para o Rei Anual rebelde usar o próprio arco da deusa para atirar uma flecha através de seus machados rituais da vida e da morte, de modo a demonstrar seu poder sobre ela, era uma profanação! Assim como o pênis patriarcal considera sua missão avançar unilateralmente contra o... Bem, não vamos exagerar.

No sistema pré-patriarcal poderia ter ocorrido uma disputa com arcos, mas ela teria sido adequadamente organizada. Quem vencesse seria declarado rei ritual por um ano, depois seria enforcado — lembrem-se do tema do Enforcado, que sobreviveu apenas como carta menor do Tarô. Ele teria também seus órgãos genitais arrancados, como convém a um zangão casado com a abelha rainha. Os dois atos, enforcamento e remoção dos genitais, garantiriam a fertilidade das colheitas. Mas o usurpador Odisseu se recusou a morrer no final de seu período determinado. Ansioso para prolongar sua vida e seu poder, ele encontrou substitutos. Os genitais foram arrancados, mas não eram os dele — pertenciam ao pastor de cabras Melântio. O enforcamento também aconteceu, mas fomos nós, as doze virgens lunares, que balançamos no lugar dele.

Poderíamos prosseguir. Querem ver pinturas em vasos, objetos esculpidos para o culto à deusa? Não? Tudo bem. Mas não precisam ficar nervosos por causa disso, caras mentes instruídas. Não precisam pensar em nós como moças de verdade, de carne e osso, a sofrer dores reais, verdadeiras injustiças. Talvez seja muito incômodo. Descartem as partes sórdidas. Considerem que somos puros símbolos. Não somos mais reais do que o dinheiro.

Coração de pedra

Desci a escada, considerando minhas chances. Fingi não acreditar em Euricléia quando ela me disse que Odisseu havia assassinado os pretendentes. Talvez o sujeito fosse um impostor, falei — como eu poderia saber qual era a aparência de Odisseu, após vinte anos? Eu também pensava em como ele me veria. Eu ainda era muito jovem quando ele partiu; agora eu era uma matrona. Não havia como evitar o desapontamento.

Decidi fazer com que ele me esperasse; eu havia esperado bastante. Além disso, precisava de tempo para dominar meus verdadeiros sentimentos a respeito do enforcamento de minhas doze jovens escravas.

Portanto, ao entrar no salão e encontrá-lo lá, sentado, não falei nada. Telêmaco não perdeu tempo: quase imediatamente me censurou por falta de uma recepção mais calorosa a seu pai. Coração de pedra, ele me chamou. Imagino a cena edulcorada que teria em mente: os dois contra mim, homens feitos, dois galos a chefiar o galinheiro. Claro, eu queria o melhor para ele, meu filho, a quem desejava sucesso como líder político ou guerreiro ou o que resolvesse se tornar. Mas, no momento, preferia que ocorresse outra Guerra de Tróia para eu poder despachá-lo e me livrar dele. Rapazes, quando começam a ganhar barba, podem ser realmente um transtorno.

A dureza de meu coração foi uma acusação bem-vinda, entretanto, pois garantiria a Odisseu que eu não me atiraria nos braços do primeiro homem que aparecesse alegando ser ele. Por isso encarei-o com ar distante, disse que era tudo muito confuso para eu engolir, principalmente a idéia de que

aquele vagabundo fedorento era o mesmo formoso marido que zarpara, tão bem-vestido, vinte anos antes.

Odisseu riu — ele se preparara para a grande cena da revelação, na qual minha parte seria dizer: “Então era você! Mas que disfarce magnífico!”. E eu o abraçaria com força. Mas ele saiu para tomar o merecido banho. Quando voltou de roupa limpa, perfumado, com aparência bem melhor, não pude resistir a uma última provocação jocosa. Ordenei a Euricléia que tirasse a cama do quarto de Odisseu e a arrumasse para o estranho.

Como todos sabem, um dos pés da cama fora entalhado na árvore que ainda mantinha as raízes fincadas no solo. Ninguém sabia disso além de Odisseu, de mim e da aia Actória, de Esparta, que falecera havia muito tempo.

Presumindo que alguém cortara a adorada coluna da cama, Odisseu perdeu a paciência. Só então cedi e desempenhei o papel da esposa que o reconhecia. Derramei um número conveniente de lágrimas, abracei-o e aleguei que ele havia passado no teste da coluna da cama, e que eu me convencera plenamente.

Portanto, subimos à cama em questão, onde passáramos muitas horas agradáveis quando nos casamos, antes que Helena enfiasse na cabeça a idéia de fugir com Páris, provocando uma guerra e desolação em meu lar. Felizmente já estava escuro, pois as sombras disfarçavam as rugas.

“Não somos mais jovens esbeltos”, comentei.

“Somos o que somos”, retrucou Odisseu.

Passamos um tempo juntos, e depois que nos consideramos mutuamente satisfeitos retomamos nosso hábito de contar histórias. Odisseu relatou sua viagem e as dificuldades — as versões nobres, com monstros e deusas, em vez da sórdida, com taberneiros e prostitutas. Ele relembrou as mentiras que inventara, os nomes falsos com que se apresentara — disse aos ciclopes que seu nome era Ninguém, um de seus truques mais espertos, embora tivesse

prejudicado a narrativa ao se gabar demais — e a história de vida com que se apresentava conforme a situação, para ocultar sua identidade e suas intenções. Por minha vez, contei a história dos pretendentes, meu truque com a mortalha de Laertes e o encorajamento secreto dos pretendentes, bem como o modo ardiloso como os conduzi e joguei uns contra os outros.

Ele me disse quanto sentira minha falta e quanto desejava retornar para mim, mesmo quando estava nos alvos braços das deusas. Eu falei das lágrimas copiosas que derramara enquanto esperava por ele vinte anos, e que eu fora fiel apesar de tudo. Jamais seria capaz sequer de pensar em trair sua cama gigantesca e a coluna especial, dormindo ali com outro homem.

Nós dois éramos mentirosos rematados, desavergonhados e confessos de longa data. Chega a admirar que tenhamos acreditado nas palavras um do outro.

Mas acreditamos.

Ou foi o que dissemos um ao outro.

Odisseu partiu pouco depois de sua chegada. Disse que odiava se afastar de mim, mas precisava iniciar uma nova aventura. Soubera pelo espírito do vidente Tirésias que precisava se purificar, levando um remo terra adentro tão longe que as pessoas pensariam ser um abanador de joeira. Só assim limparia o sangue dos pretendentes de suas mãos, evitando a vingança dos fantasmas e parentes dos mortos, além de apaziguar Posídon, o deus do mar, ainda furioso com Odisseu, que cegara seu filho ciclope.

Era uma história convincente. Mas todas as histórias dele eram convincentes.

Coro:
O julgamento de Odisseu,
gravado pelas escravas

Advogado de Defesa: Meritíssimo, alego inocência de meu cliente Odisseu, um herói legendário de inegável fama, que ora comparece a esta corte, acusado de múltiplos homicídios. Ele agiu de modo totalmente justificado ao matar, com recurso de flechas e lanças — não contestamos as mortes em si, ou as armas usadas — os aproximadamente cento e vinte rapazes de boa família que, ressalto, devoravam sua comida sem permissão e incomodavam sua esposa, planejando assassinar seu filho e usurpar seu trono. Tem sido alegado por meu respeitado colega que Odisseu não foi justificado, pois matar esses jovens foi uma reação exagerada ao fato de terem abusado um pouco de sua hospitalidade.

Além disso, alega-se que Odisseu e seus herdeiros ou sucessores receberam oferta de compensação material pelos comestíveis citados, e deveriam ter recebido a indenização pacificamente. Mas essa compensação foi oferecida pelos mesmos homens que, não obstante os insistentes apelos, nada haviam feito previamente para coibir seu apetite inesgotável, ou para defender Odisseu e proteger sua família. Eles não demonstraram lealdade ao rei, em sua ausência; muito pelo contrário. Portanto, como confiar em suas palavras? Poderia uma pessoa razoável esperar que aqueles elementos algum dia cumprissem a promessa, pagando com uma rês que fosse seus abusos?

Vamos portanto considerar as possibilidades. Cento e vinte, uma dúzia a mais ou a menos, lutaram contra um, ou contra quatro, pois Odisseu tinha cúmplices, como meu colega os denominou; na verdade, eram um parente ainda jovem e dois servos sem treinamento militar — o que impediria esses jovens pretendentes de propor um acordo a Odisseu, e depois atacá-lo à noite quando estivesse desprevenido, e matá-lo valendo-se da escuridão? Nosso argumento é que, ao aproveitar a única oportunidade que o destino lhe deu, nosso estimado cliente Odisseu apenas agia em legítima defesa. Portanto, solicitamos que o caso seja encerrado.

Juiz: Estou inclinado a concordar.

Advogado de Defesa: Grato, meritíssimo.

Juiz: O que é essa confusão no fundo? Ordem! Senhoras, não façam escândalo! Ajeitem as roupas! Tirem as cordas do pescoço! Sentem-se!

Escravas: Vocês se esqueceram de nós! E o nosso caso? Não podem soltá-lo! Fomos enforcadas a sangue frio! Doze de nós! Por nada!

Juiz (para o Advogado de Defesa): Temos uma nova acusação. Em termos processuais, deveria ser tratada em outra audiência. Mas, como os casos estão intimamente relacionados, estou disposto a ouvir as alegações agora. O que o senhor tem a dizer em benefício de seu cliente?

Advogado de Defesa: Ele agia conforme seu direito, meritíssimo. As escravas pertenciam a ele.

Juiz: Mesmo assim, ele precisa de um motivo. Nem mesmo os escravos podem ser mortos sem razão. O que essas moças fizeram para merecer a

força?

Advogado de Defesa: Fizeram sexo sem permissão.

Juiz: Compreendo. Com quem elas fizeram sexo?

Advogado de Defesa: Com os inimigos de meu cliente, meritíssimo. Os mesmos que atentaram contra sua esposa virtuosa, e contra sua vida aventureira.

(seu achado provoca risos)

Juiz: Presumo que essas eram as escravas mais jovens.

Advogado de Defesa: Naturalmente. Eram as mais formosas e agradáveis na cama, com certeza. Em grande parte.

As escravas riem, amarguradas.

Juiz (consultando um livro: a Odisséia): Está escrito aqui, neste livro — um livro que devemos consultar, pois é a principal referência para este caso — embora possua inegáveis tendências aélicas e contenha excesso de sexo e violência, na minha opinião —, está dito bem aqui — vamos ver —, rapsódia XXII, que as escravas foram violentadas. Os pretendentes as violentaram. Ninguém os impediu de fazer isso. Ademais, as escravas, pelo que consta, foram obrigadas pelos pretendentes a servi-los em seus propósitos hediondos e revoltantes. Seu cliente sabia de tudo — consta que ele mesmo declarou isso. Portanto, as escravas foram subjugadas e estavam totalmente desprotegidas. Isso é correto?

Advogado de Defesa: Eu não estava presente, meritíssimo. Tudo isso aconteceu há três ou quatro mil anos.

Juiz: Entendo o problema. Convoquem a testemunha Penélope.

Penélope: Eu estava dormindo, meritíssimo. Durmo muito. Só posso contar o que me disseram depois.

Juiz: Disseram? Quem?

Penélope: As escravas, meritíssimo.

Juiz: Elas disseram que foram violentadas?

Penélope: Sim, meritíssimo. Disseram.

Juiz: E a senhora acreditou nelas?

Penélope: Sim, meritíssimo. Quer dizer, acho que acreditei.

Juiz: Consta que elas eram impertinentes, com freqüência.

Penélope: Sim, meritíssimo, mas...

Juiz: E a senhora não as puniu? Elas continuaram a servi-la, como escravas?

Penélope: Eu as conhecia bem, meritíssimo. Gostava delas. Praticamente criei algumas das moças. Eram como filhas para mim, como as filhas que nunca tive. (*Começa a chorar.*) Lamento por elas! A maioria das escravas acaba sendo violentada, mais cedo ou mais tarde; trata-se de uma característica deplorável, mas comum na vida palaciana. Não foi o fato de

terem sido violentadas que as condenou, na mente de Odisseu. Foi terem sido violentadas sem permissão.

Juiz (rindo): Perdão, senhora, mas o estupro não é exatamente isso? Sexo sem permissão?

Advogado de Defesa: Sem permissão do proprietário, meritíssimo.

Juiz: Compreendo. Mas o proprietário não estava presente. Portanto, para todos os efeitos, as escravas foram forçadas a se deitar com os pretendentes, e se resistissem seriam violentadas de qualquer maneira, de modo muito mais desagradável, correto?

Advogado de Defesa: Não sei qual a importância disso para o caso.

Juiz: Nem seu cliente, evidentemente. *(Ri.)* Contudo, a época de seu cliente era diferente da nossa. Os padrões de comportamento então eram outros. Seria uma pena que esse incidente lamentável, mas menor, manchasse uma carreira que, sob todos os outros aspectos, foi notável. E não quero ser acusado de anacronismo. Portanto, devo encerrar o caso.

Escravas: Exigimos justiça! Queremos vingança! Invocamos a lei do sangue derramado! Invocamos a presença das Fúrias!

Um grupo de doze Eríneas surge. Têm cabelos de serpente, cabeças de cão e asas de morcego. Elas farejam o ar.

Escravas: Ó Fúrias, ó Eumênides, nossa última esperança! Imploramos que ministrem a punição e a justa vingança em nosso nome! Sejam nossas defensoras, pois em vida não tivemos ninguém! Sigam Odisseu aonde ele

for! De um lugar a outro, de uma vida a outra, qualquer que seja seu disfarce, qualquer que seja sua forma, persigam-no! Sigam seus passos, na terra ou no Hades, onde quer que busque refúgio, em canções e peças, em grossos volumes e teses, em notas de pé de página e apêndices! Apareçam para ele com nossas formas, nossos corpos enforcados, lamentáveis cadáveres! Que ele jamais tenha sossego!

As Eríneas se voltam para Odisseu. Seus olhos vermelhos reluzem.

Advogado de Defesa: Convoco a grande Palas Atena de olhos cinzentos, imortal filha de Zeus, para defender os direitos de propriedade de um homem, amo e senhor de sua casa, para que leve embora o espírito de meu cliente numa nuvem!

Juiz: Mas o que está acontecendo? Ordem! Ordem! Estamos numa corte de justiça do século XXI! Vocês, desçam já do teto! Parem de latir e sibilar! Senhora, cubra o seio e largue essa lança. O que é essa nuvem? Chamem a polícia! Onde está o acusado? Para onde foi todo mundo?

A vida doméstica no Hades

Eu estava observando o mundo outro dia, usando os olhos de uma médium em transe. Sua cliente queria falar com o namorado morto e perguntar se deveria vender o apartamento, mas fizeram contato comigo. Quando surge uma brecha, costumo aproveitar. Não saio tanto quanto gostaria.

Não pretendo menosprezar meus hospedeiros, mesmo assim é incrível como os vivos atormentam os mortos. Era após era, isso pouco muda, embora os métodos variem. Não sinto muita falta das sibilas, com seus ramos dourados, inventando toda sorte de artimanhas para entrar aqui, ansiosas pelo conhecimento do futuro, de um modo que desagradava as sombras. Mas as sibilas, pelo menos, tinham boas maneiras. Os magos e feiticeiros que surgiram depois eram bem piores, apesar de levarem a coisa a sério.

O pessoal de hoje, porém, chega a ser tão trivial que não merece atenção. Eles querem saber o preço futuro das ações, os rumos da política, seus próprios problemas de saúde e outras bobagens; além disso, tentam conversar com uma série de mortos obscuros que ninguém neste reino poderia conhecer. Quem é “Marilyn”, que tantos procuram? Quem é esse tal de “Adolf”? É perda de energia gastar tempo com essa gente, e muito exasperante.

Contudo, só espiando por essas brechas mínimas sou capaz de acompanhar a trajetória de Odisseu nos momentos em que não está por aqui, em sua forma familiar.

Suponho que todos conheçam as regras. Se quisermos, podemos renascer e fazer nova tentativa em vida; mas primeiro precisamos beber da fonte do esquecimento, de modo que nossas vidas passadas sejam excluídas da memória. Essa é a teoria, e, como todas as teorias, não passa de uma teoria. O esquecimento nem sempre funciona como deveria.

Muitas pessoas se lembram de tudo. Alguns dizem haver mais de um tipo de água, e que as águas da lembrança também estão disponíveis. Eu mesma não sei.

Helena fez mais do que uma excursão. Ela as chama assim, de “rápidas excursões”. E começa a contar: “Resolvi me divertir um pouco”, principia. Em seguida detalha suas conquistas mais recentes e me põe a par das mudanças na moda. Foi graças a ela que eu soube da existência de pintas falsas, sombrinhas, anquinhas, salto alto, espartilhos, biquínis, exercícios aeróbicos, piercings e lipoaspiração. Ela discorre longamente sobre as travessuras e o tumulto que provocou, e quantos homens arruinou. Impérios caíram por sua causa, orgulha-se em proclamar.

“Pelo que sei, a interpretação da Guerra de Tróia mudou inteiramente”, comento, para baixar um pouco seu topete. “Agora pensam que você era um mito, apenas. Houve uma disputa pelas rotas de comércio, isso sim. Pelo menos é o que os estudiosos sustentam.”

“Penélope, você sempre foi tão invejosa”, ela disse. “Mas poderíamos ficar amigas, agora! Por que não vem comigo ao mundo dos vivos, em minha próxima excursão? Podemos ir a Las Vegas. Só nós duas! Ah, esquece — não faz seu gênero. Você prefere bancar a boa esposa fiel, tecer, essas coisas. Ainda bem que nunca tive de fazer isso, morreria de tédio. Mas você sempre levou jeito para dona de casa.”

Ela tinha razão. Eu jamais beberia da fonte do esquecimento. Não vejo razão para tanto. Melhor: vejo a razão, mas não quero correr o risco. Em minha vida passada as dificuldades abundaram, mas quem pode garantir que a próxima não será pior? Mesmo com meu acesso limitado vejo que o mundo é tão perigoso quanto na minha época, com a diferença de que o sofrimento e a dor acontecem em escala muito maior. A natureza humana continua espalhafatosa como sempre.

Nada disso detém Odisseu. Ele passa um tempo por aqui, faz de conta que gosta de mim, diz que a vida doméstica a meu lado é a única coisa que deseja, por mais que se deite com mulheres lindíssimas e viva aventuras emocionantes. Damos um passeio juntos, mordiscamos asfódelos, lembramos casos antigos; ouço as notícias de Telêmaco — ele agora é membro do parlamento, estou tão orgulhosa! — e depois, quando começo a relaxar, quando sinto que posso perdoar tudo o que ele me fez passar e aceitá-lo com todos os seus defeitos, quando acredito que desta vez ele fala a sério, lá vai ele de novo correndo para o rio Lete, para renascer mais uma vez.

Ele é sincero. Quer mesmo ficar comigo. Chora quando diz isso. Mas uma força desconhecida nos afasta.

São as escravas. Ele as vê ao longe, seguindo em nossa direção. Elas o enervam. Inquietam. Fazem com que sofra e queira ir para outro lugar, ficar com outra pessoa.

Ele foi general francês, invasor mongol, empresário norte-americano, caçador de cabeças em Bornéu. Já foi astro do cinema, inventor, publicitário. Sempre acaba mal, em suicídio, acidente, morte no banho ou assassinato, e volta para cá de novo.

“Por que vocês não o deixam em paz?”, grito para as escravas. Preciso gritar, pois não me deixam chegar perto delas. “Agora já chega! Ele fez a penitência, as orações, purificou-se!”

“Para nós ainda não chega!”, elas retrucam.

“O que mais vocês querem dele?”, pergunto. A essa altura, já estou chorando. “Digam logo!”

Mas elas apenas fogem.

Fugir não é o termo certo. Suas pernas não se mexem. Os pés ainda sofrem espasmos e não tocam no chão.

Coro:
Andamos atrás de você,
uma canção de amor

Alô! Senhor Ninguém! Homem Sem Nome! Mestre da Ilusão! Senhor Golpista! Neto de ladrões e mentirosos!

Estamos aqui também, nós que não temos nomes. As escravas sem nome. As que carregam a vergonha imputada pelos outros! As acusadas, as apontadas.

As servas, as moças sujas de faces rosadas, as animadas, as que rebolam sensuais, as que lavam o sangue.

Doze moças. Doze traseiros arrebitados, doze bocas úmidas, vinte e quatro seios macios, e, melhor ainda, vinte e quatro pés no ar.

Lembra de nós? Claro que sim! Trouxemos água para que lavasse as mãos, lavamos seus pés, lavamos suas roupas, untamos seu ombro, rimos de suas brincadeiras, moemos seus grãos, arrumamos sua confortável cama.

Você nos pendurou, nos estrangulou e deixou penduradas feito roupas no varal. Que virada! Que gracinha! Como você se sentiu virtuoso, correto, purificado, depois de se livrar das jovens sujas roliças dentro de sua cabeça!

Você deveria ter providenciado um enterro decente para nós. Despejado vinho sobre nossos corpos. Deveria ter pedido perdão em suas preces.

Agora não pode mais se livrar de nós, aonde quer que vá: em sua vida, após a vida ou em qualquer outra vida.

Sabemos identificar seus disfarces: nos caminhos do dia, nos caminhos da noite, onde quer que vá — estamos sempre atrás de você, seguindo seus passos como um rolo de fumaça, como um rabo comprido, um rabo feito de moças, pesado como a memória, leve como o ar: doze acusações, dedos do pé a buscar o solo, mãos atadas nas costas, línguas para fora, olhos arregalados, canções sufocadas na garganta.

Por que nos matou? O que fizemos a você para que provocasse nossa morte? Você nunca respondeu isso.

Foi um ato de ressentimento, um ato de rancor, uma morte para salvar a honra.

O senhor também, doutor em consideração, senhor bondade, meritíssimo juiz divino! Olhe por cima do ombro! Aqui estamos, caminhando atrás de você, bem perto, muito perto, como um beijo, perto como sua pele.

Somos servas, estamos aqui para servi-lo. Para servi-lo direito. Jamais o abandonaremos, vamos acompanhá-lo como sua sombra, suaves e implacáveis como cola. Lindas escravas enfileiradas.

Despedida

*Não tínhamos voz
Não tínhamos nome
Não tínhamos escolha
Só tínhamos uma face
Uma mesma face*

*Levamos a culpa
Não foi justo
Agora estamos aqui
Estamos todas aqui
Assim como você*

*E agora seguimos
Você, o encontramos
Agora, o assombamos
Chamamos você uuu
Muito espertas para assustar
Muito espertas para assustar
Para assustar*

As escravas ganham penas e voam como corujas.

Fontes

A principal fonte para *A odisséia de Penélope* foi a *Odisséia*, de Homero, na edição da Penguin Classics, traduzida por E. V. Rieu (1946) e revisada por D. C. H. Rieu (1991).*

The Greek myths, de Robert Graves (Penguin) foi crucial. As informações sobre os ancestrais de Penélope, as relações familiares — Helena de Tróia era sua prima — e muito mais, inclusive os relatos a respeito de sua suposta infidelidade, encontram-se aí (ver em especial Seções 160 e 171). Devo a Graves a teoria de Penélope como possível líder de um culto a uma deusa feminina, embora ele não pareça notar o significado dos números doze e treze, em relação às escravas desafortunadas. Graves relaciona numerosas fontes para as histórias e suas variantes. Entre essas fontes incluem-se Heródoto, Pausânias, Apolodoro e Higino.

Os Hinos Homéricos também foram úteis — principalmente em relação ao deus Hermes —, e Lewis Hyde, em *Trickster makes this world*, lançou uma luz sobre a personalidade de Odisseu.

Incluí um Coro que canta, dança e declama, em homenagem aos Coros da tragédia grega. A convenção de zombar da ação principal já estava presente nas peças satíricas, representadas com as tragédias sérias.

Como alguns mortos podem supostamente ter acesso ao futuro, assim como a outros segredos valiosos, permiti a eles um poder semelhante, embora ampliado. A idéia de que podem renascer é antiga. Há inúmeros relatos do mundo subterrâneo grego, e os campos de asfódelo são um padrão.

*As citações da *Odisséia* foram tiradas da tradução de Antônio Pinto de Carvalho, Abril Cultural, São Paulo, 1979. Os nomes próprios se basearam nessa obra e também na tradução de Manuel Odorico Mendes, ed. de Antonio Medina Rodrigues, Edusp, São Paulo, 1996, e no *Dicionário da mitologia greco-latina*, de Tassilo Orpheu Spalding, Itatiaia, Belo Horizonte, 1965. (N. T.)

Agradecimentos

Agradeço muito aos primeiros leitores Graeme Gibson, Jess Gibson, Ramsay e Eleanor Cook, Phyllida Lloyd, Jennifer Osti-Fonseca, Surya Bhattacharya, e John Cullen; a minhas agentes britânicas, Vivienne Schuster e Diana McKay, e a minha agente norte-americana, Phoebe Larmore; a Louise Dennys, da Knopf Canada, que editou o texto com *esprit*; a Heather Sangster, rainha do ponto-e-vírgula, e a Arnulf Conradi, que enviou palpites de muito longe; a Sarah Cooper e Michael Bradley, pelo apoio geral e pelos almoços; a Coleen Quinn, que me mantém em forma; a Gene Goldberg, pela rapidez ao telefone; a Eileen Allen e Melinda Dabaay; a Arthur Gelgoot Associates. E a Jamie Byng, de Canongate, que saltou de trás de uma moita de tojo na Escócia e me convenceu.



J. ALLEN

MARGARET ATWOOD é autora de mais de trinta livros de ficção, poesia e ensaios críticos, publicados em 35 países. Seus romances incluem *Olho de gato* (indicado ao Booker Prize), *Vulgo, Grace* (ganhador dos prêmios Giller, do Canadá, e Mondello, da Itália) e *O assassino cego* (vencedor do Booker Prize de 2000).

Copyright © 2005 by O. W. Toad Ltd.
Publicado mediante acordo com a Canongate Books Ltd.,
Edimburgo, Escócia.

Título original
The Penelopiad

Capa
Angelo Venosa
sobre água-forte de Henri Matisse para o livro Poésie (1932),
de Stéphane Mallarmé

Preparação
Otacílio Nunes

Revisão
Ana Maria Barbosa
Marise Simões Leal

ISBN 978-85-438-0292-3

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ LTDA.
Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone (11) 3707-3500
Fax (11) 3707-3501
www.companhiadasletras.com.br